

FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Outubro 2015 - ANO LXVI Nº 8



Ser...

...Ou
não ser?

POESIA



O Sesc, mantido e administrado pelos empresários do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, visa o bem-estar social dos trabalhadores do terceiro setor, seus familiares e dependentes.

Mas o público atendido pelo Sesc é muito maior. Abrange também as populações da periferia de cidades de pequeno, médio e grande porte, que são assistidas pela entidade através de parcerias com o poder público e empresas privadas.

• Educação • Saúde • Cultura • Lazer • Assistência •



 Fecomércio PB

 Sesc

Que é a poesia?

Entre todas as expressões artísticas do sentimento em relação ao mundo, talvez seja a arte poética a que mais aproxima-se do que poderia ser considerado não um “retrato de corpo inteiro”, mas um perfil, uma silhueta, um traço essencial, ao menos, do que seria, na realidade, a vida, mistério insondável.

Poetas de quase todas as escolas e países, cada um à sua maneira, tentaram, em entrevistas e nos próprios poemas, nos chamados exercícios de metalinguagem, definirem, eles mesmos, que é a poesia. Assim como a vida, a poesia herdou muitas explicações, de poetas e não poetas, mas ninguém chegou à conclusão.

O poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz, em *O arco e a lira*, seu livro mundialmente famoso, inaugura novos horizontes conceituais, não só para a poesia, como para o poema. Sobre este último, afirma: “O poema não

Poetas de quase todas as escolas e países, cada um à sua maneira, tentaram, em entrevistas e nos próprios poemas, nos chamados exercícios de metalinguagem, definirem, eles mesmos, que é a poesia.

é uma forma literária, mas o ponto de encontro entre a poesia e o homem”.

Paz diz ainda, em outras palavras, que se a poesia tem o poder de revelar este mundo, por outro lado cria outro. Ou seja, o impasse,

ou enigma, permanece. Pois quem ou o quê teria o poder de elucidar, para os simples mortais, este outro universo (humano?) que nasce no húmus do verso?

Nesta edição, reuniu-se novas opiniões sobre o que é a poesia, formuladas com exclusividade por poetas, prosadores e professores de várias nacionalidades. Alguns deram respostas curtas, outros longas, outros ainda preferiram expressar-se em versos - um inclusive utilizando métrica de cordel.

Ousa-se imaginar que este rico material contém valiosas informações para o leitor leigo em assuntos literários, como também para os especialistas no assunto. Esperamos contribuir, com novas ideias, para o aprofundamento do debate sobre esta fonte inesgotável de sentimentos do mundo, que é a poesia.

O Editor

♦ índice



ENQUETE

Poetas, escritores, professores e críticos literários do Brasil, Argentina, Uruguai, Peru e Irã revelam seus conceitos sobre a poesia.



AEDOS

Há mais de um ano o grupo Aedos, de João Pessoa, vem se apresentando em espaços públicos e privados, divulgando a poesia.



ARTIGOS

Sérgio de Castro Pinto comenta o novo livro de Linaldo Guedes, *Receitas de como se tornar um bom escritor*, publicado pela Chiado Editora, de Portugal.



CRÔNICAS

Elizabeth Marinheiro apresenta o primeiro livro de crônicas de Hildeberto Barbosa Filho, *Vou por aí*, publicado pela Ideia Editora, de João Pessoa.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB
PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510
Redação: 3218-6509/9903-8071
ISSN 1984-7335
editor.correiodasartes@gmail.com
<http://www.auniao.pb.gov.br>

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luís Torres

Superintendente
Albiege Fernandes

Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor Técnico
Walter Galvão

Diretor de Operações
Gilson Renato

Editor Geral
Walter Galvão

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Arte da capa
Domingos Sávio

Ilustrações e artes
Domingos Sávio, Tonio,
Livia Costa



É a vida, simplesmente?

RESPOSTAS DE POETAS DO BRASIL,
ARGENTINA, URUGUAI, PERU E
IRÃ CRIAM UM GRANDE PAINEL
CONCEITUAL A PARTIR DA PERGUNTA:
"QUE É A POESIA?"

William Costa
Editor do *Correio das Artes*

Meses atrás, pensei em convidar amigos poetas para um encontro informal na Cachaçaria Felipéia, do jornalista Carlos Cavalcanti. O bar foi instalado por ele em um lugar apazível – a Praça Rio Branco, no Centro de João Pessoa –, palco ideal para o sarau, cuja dinâmica se daria em torno de uma pergunta nada original, mas que sempre suscita ideias interessantes: "Que é a poesia?".

Não foi possível conciliar o tempo de cada um e o sarau acabou não acontecendo. No entanto, poetas residentes em João Pessoa e em outras cidades brasileiras responderam à pergunta, via internet.

Com a valiosa colaboração de Ronaldo Cagiano - que também fez as traduções -, pude saber o que pensam da poesia poetas da Argentina, Uruguai e Peru, além de uma professora do Irã.

Esse material não poderia ser desperdiçado. Seria, no mínimo, desrespeitoso para com os autores que, gentilmente, se dispuseram a comentar o assunto. Decidi transformá-los em uma reportagem para o *Correio das Artes*, ideia acatada pelos poetas contatados. Os tex- ➤

**"o poema é uma
máscara que oculta o
vazio, bela prova da
supérflua grandeza de
toda obra humana!".**

*Octavio Paz, em O arco e
a lira*

escolhidos. Decidi então criar o texto, utilizando os poucos livros e a pouca memória.

Ariano Suassuna costumava dizer, valendo-se de outras palavras - não lembro agora se citando outro autor -, que poema decifrado é poema morto. O mestre queria explicar, talvez, que a poesia tem um quê de sonho humano e enigma sagrado que é a substância derradeira da linguagem poética. Desatados esses laços com o mistério, perderia sua força simbólica; o seu poder de sugestão.

Em linha próxima a este pensamento, Baltasar Gracián argumentava que a maioria

das pessoas não se interessa pelo que entende, mas idolatra o que não compreende. Para o prosador espanhol, "será celebrado tudo o que não for entendido". Friedrich Nietzsche não bifurca este caminho. Na opinião do filósofo alemão, o escritor lúcido e claro é considerado superficial.

Considerações como as de Gracián e Nietzsche talvez tenham mais a ver com a prosa, vez que a poesia, em função apenas de suas moléculas herméticas, não logrou ser celebrada, horizontalmente, pelo mundo afora. E quantos poetas não morreram à míngua, tão desconhecidos quanto os poemas que fizeram? Claro ou obscuro enigma, a poesia continua a habitar o coração de poucos.

O poeta mexicano Octavio Paz sentencia: "o sonho, o delírio, a hipnose e outros estados de ▶

▶ tos enviados, em prosa ou poesia, uns mais curtos outros mais longos, estão aqui publicados sem cortes ou aspás.

De início, queria fazer esta abertura costurando definições de autores já falecidos sobre que é poesia. Entendi que ficaria cansativo. Demandaria pesquisa. Ademais, para ganhar tempo, iria lançar mão da internet, correndo o risco de transcrever citações falsamente atribuídas aos poetas

► relaxamento da consciência favorecem o fluir das frases”. Ariano Suassuna certamente concordaria com o autor de *O arco e a lira*, livro de estado alterado de consciência no qual está escrito que “o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana!”.

Na abertura de *O arco e a lira*, Octavio Paz faz uma contundente conceituação, começando com palavras que todos os que gostam de poesia sabe de cor: “A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono”. A obra nunca perdeu o fôlego, mas a inquietude permaneceu. Nas linhas a seguir, novas definições e silêncios serão estabelecidos, inclusive entre seus autores e as palavras.

Começemos com a ensaísta e hispanista iraniana Najmeh Shobeiri, doutora pela Universidade Complutense de Madrid, Espanha, e professora de língua e literatura hispânicas da Universidade Allameh Tabatabaïi, de Teerã, para quem poesia é...

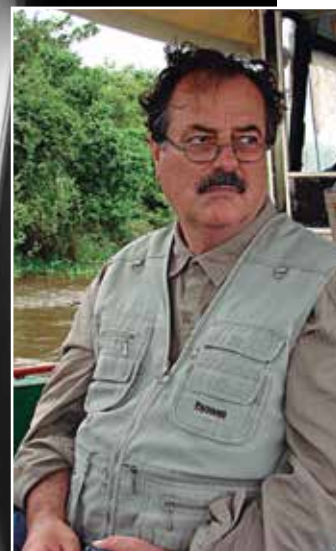
...A interpretação imediata dos sentimentos. O poeta é aquele ser suscetível, comprometido, inteligente, que recebe as luzes do mundo com mais urgência que os demais. É quem é capaz de reconstruir as ideias por meio das palavras, sendo o melhor artista. Um poeta seria comparável a um escultor que retira toda a beleza hibernada no seio de uma pedra com sua arte. O poeta tira o que é bonito das ideias e palavras como um grande presente para o ser humano.

O escritor, crítico, ensaísta e professor Leonardo Garet nasceu e mora em Salto, Uruguai, onde dirige El Museo Casa Quiroga. Ele é autor de livros de poesia e ficção, entre os quais *Pentalogia* (1972), *Pássaros estrangeiros* (1988), *Viagem pelo romance picaresco* (1991), *Encontro com Quiroga* (1994) e *O Livro dos Suicidas* (2005). Eis as conclusões a que chegou sobre que é a poesia:

... A palavra dentro do poema inclina-se para a celebração e o rito. E no rito, o tempo se detém um instante para a contemplação do todo. Esse instante, o da interferência do nosso tempo com a eternidade, é uma das ►



Najmeh Shobeiri é professora de língua e literatura hispânicas da Universidade Allameh Tabatabaïi, de Teerã



O escritor e professor Leonardo Garet dirige El Museo Casa Quiroga, em Salto, Uruguai

▶ preocupações, eu diria que deflagradoras do que escrevo. O tempo envolve com mistério até as pequenas coisas que nos circundam.

A linguagem é o templo do escritor. Do seu comportamento nesse templo, da boa ordem de todos seus elementos físicos e espirituais, e ainda de seus deuses, depende o êxito da obra. E de ter consciência de que se constrói nada mais e nada menos, que com palavras.

A palavra, celebrante e templo, nunca é ingênua, sempre anda repleta de conteúdos: do que dizem os jornais, do que sussurram em segredo dois meninos em uma passagem escura, do que gritam os cartazes de protesto e as declarações de guerra. Essa palavra sem inocência e com certeza profundamente comprometida é a que trato e que se move em meus contos e poemas.

Mas sem esquecer-me também, que a literatura não é escritório da sociologia, nem da história, nem de nenhuma outra disciplina, senão que é a responsável de criar, como um demiurgo, novas realidades que são, em última instância, as que iluminam a realidade tangível. Devem fazê-lo com uma luz de entretenimento, não com a penumbra dos manuais e dos textos esotéricos, senão com o assumido tom menor que também resta das coisas importantes.

Argentino de Buenos Aires, o poeta Eduardo Dalter publicou poemas em várias revistas, a exemplo de *Crisis* (Argentina), *Alero* (Guatemala), *Shantih Magazine* (Estados Unidos), *Revista Nacional de Cultura* (Venezuela) e *Casa de las Américas* (Cuba). É autor, entre outras obras, de *Cuatro momentos*, *Nidia* e *Hojas de Ruta* (1954-2004). Eis a sua resposta:

...Diante da interrogação "O que é a poesia?", posso dizer que é o que me foi perguntado há mais de 40 anos, e sempre dou-me respostas diferentes ou parecidas ou raras ou provisórias. Por outro lado, todas as numerosas definições que ouvi ou li, dizem em sua maioria de uma incompletude e de uma incessante tentativa. Será tão imensa? Será tão pequena? Será tão profunda ou tão incandescente? Vamos então saber. Tranquiliza-me saber que sem poesia a vida humana perderia todo seu significado. Poderia imaginar um mundo sem poesia? Poderia talvez imaginar um mundo sem espírito e sem ar? Sim, sim, se



Poeta argentino Eduardo Dalter, autor de *Cuatro momentos*



Alfredo Pérez Alencart é professor da Universidade de Salamanca, Espanha



Osvaldo Picardo é professor da Universidade Nacional de Mar del Plata, Argentina

poderia; mas, cruzemos os dedos... Não seria um mundo humano, nem seria um mundo certo. Teríamos imediatamente que reinventá-lo...

O poeta, crítico, ensaísta e tradutor Osvaldo Picardo leciona Literatura na Universidade Nacional de Mar del Plata, Argentina, onde nasceu e reside. Edita a revista *La Pecera* e dirige a Eudem Editora. É autor, entre outras obras, de *Apenas en el mundo* (1988), *Dejar sin ventanas la verdad* (1993), *Una complicidad que sobrevive* (2001) e *21 gramos* (2014). Vejamos o que ele diz sobre a poesia:

...Com relação ao que me perguntais, te envio minha resposta:

Um grande poeta argentino definiu a poesia como uma festa do sentido e creio que não estava enganado. Há algo na poesia que nos faz crer de novo no que dizem as palavras. Entramos nesse mundo sendo hóspedes da linguagem.

Mas somente somos passageiros que lembramos ter visto e ter ouvido...

O poeta, crítico e ensaísta Alfredo Pérez Alencart nasceu no Peru e vive na Espanha. Tem 15 livros publicados e é professor de Direito na Universidade de Salamanca. Respondeu-nos com inquietas palavras, sobre que é poesia:

...Começarei dizendo que a poesia é lição de vida e tábua de flutuação ou bálsamo de autoajuda para o Espírito do ser humano inserido em um mundo materialista onde há uma única receita confiável contra o desassossego existencial. A poesia (um bom poema, quero dizer) é possível que não solucione nada, mas se oferece como pulsão às dúvidas e certezas, alegrias e aflições, desejos e demais contingências que assediam e convivem com o eu de cada um. A poesia abarca tudo em relação com o mais íntimo do homem, o conhecido e o que está por revelar-se no que diz respeito ao cérebro e aos sonhos, por exemplo. Sua força se enraíza no mistério do vislumbrado ou no poder de certos versos ou versículos impregnados de certa seiva poética que o alenta ou vivifica de novo. Sigmund Freud, que ocupou sua vida tratando de desentranhar alguns dos mistérios contidos no corpo e na alma do homem, finalmente teve que admitir que ali onde ele tentava abrir ▶

- ▶ *novas linhas da psicanálise, com certeza um poeta já havia transitado por essas ocultas sendas.*

César Cantoni nasceu em La Plata, capital da província de Buenos Aires. Publicou, dentre outros livros, *Confluências* (1978), *A experiência concreta* (1990) e *Triunfo do real* (2001). Um poema, sua resposta à nossa indagação sobre que é a poesia:

*Em um poema, uma palavra segue-se a outra palavra
como um carro segue ao outro carro na rua.
Da mesma forma, há uma sintaxe do trânsito
- um fluir regulado por marchas e paradas -
como há uma sintaxe da linguagem.*

*Mas a poesia não são as palavras
nem os carros se perseguindo.*

Nem é a consequência de uma sintaxe ou de outra.

*A poesia é esse choque imprevisto em uma esquina,
com mortos e feridos sobre o chão,
enquanto soa furiosamente uma sirene
e chega a polícia.*



O poeta Dija Darkdija (foto), pseudônimo de Dijavan Luís Santos de Brito, nasceu em João Pessoa. Escreve na internet, publicando em grupos do Facebook, no Recanto das Letras e em seu blog, “A Arte da Viajosi-dade”. No dia 17 de novembro, às 19h, lançará seu primeiro livro solo no Café da Energisa, intitulado *MIX/REMIX* (Editora Penalux), com textos dos poetas Lau Siqueira, Linaldo Guedes e Marcelo Adifa. Em síntese, eis o que ele entende por poesia:

...É um milkshake de ideias com calda de imagens e cobertura de palavras.

O poeta, romancista, ensaísta, artista plástico e ator W. J. Solha é paulista de Sorocaba, radicado em João Pessoa. É autor, entre outros livros, de *A batalha de Oliveiros* (Romance, 1989), *Trigal com corvos* (Poesia, 2004), *Marco do mundo* (2012) e *Deus e outros quarenta problemas* (Poesia, 2015). Em poucas palavras, deu seu recado sobre a poesia:

...É a linguagem quando engata a marcha reduzida, prosseguindo mais lenta e mais forte. Mais densa.

O escritor, jornalista e professor Ruy Espinheira Filho nasceu em Salvador, Bahia, em 1942, cidade onde reside. Publicou diversos livros, entre eles, *Heléboro*, *As sombras luminosas*, *Memória da chuva*, *Elegia de agosto e outros poemas* (poesia), *Sob o último sol de fevereiro* (crônicas), *O vento no tamarindeiro* (contos) e *Ângelo Sobral desce aos infernos* (romance). Fazendo uso também de poucas palavras, disse-nos o baiano que poesia...

...É a arte literária mais densa e intensa – pena que a maioria dos que se querem poetas não percebe isto...



Pernambucana de Recife, Vitória Lima (foto) mora em João Pessoa. É professora universitária aposentada, poeta e escreve sobre cinema e literatura em jornais, revistas e suplementos. Tem poemas reunidos na *Antologia Contemporânea da Poesia Paraibana* (1995) e publicou *Anos Bissexto* (1997) e *Fúcsia* (2007). Contou-nos que, para ela...

...Poesia é este olhar inaugural sobre o cotidiano, tirando dele uma transcendência inesperada. É uma forma de ver e ouvir o conhecido, tentando abraçar o desconhecido.

O poeta, crítico e professor Hildeberto Barbosa Filho é natural de Aroeiras, na Paraíba, e reside em João Pessoa. Tem vários livros publicados, entre os quais, *A geometria da paixão*, *São teus estes boleros* e *O exílio dos dias* (poesia), *Sanhauá: uma ponte para a modernidade* e *Namoro com a doce banalidade* (ensaios). Compôs um quase poema em prosa, para tentar definir a poesia:

...Confesso que não sei precisamente que substância é esta, que se perfaz numa zona ainda informe entre o real e o imaginário e que contempla, em seu corpo translúcido, a gosma do invisível e as secreções da fisicalidade, assim como o verme, o abutre, a víbora, a réstia, o nonada, a abundância, o sublime, o milagre, Deus e seus derivados. Só sei que a poesia existe. Só sei que toda forma é impotente para a delicadeza de sua matéria. Sei também que ela está em tudo, no coração anímico de todas as coisas, e a todas as coisas dá dignidade.

- ▶ O poeta Joedson Adriano da Silva Santos nasceu em Bayeux (PB) e reside em João Pessoa. É membro do Clube do Conto e entre seus livros publicados figuram *Ode aos Deuses* (Poesia, 2009), *Ode aos Homens* (Poesia, 2010) e *O Evangelho de Diógenes* (Poesia, 2013). Respondeu-nos com o poema de seu livro homônimo:

ODE AOS DEUSES

a poesia não é apenas uma arte aplicada
é o instinto mais íntimo e o imperativo às artes
a criar em palavras o que só pode em palavra
é magia com as palas das palavras a poesia
e o tao que legitima as línguas e linguagens
e em crenças não crê porque quer a empiria
é cálculo psicótico do que sem peso se pila
e mais acerta dardos se com denodo desnuda
e se descuida menos a milimétrica mira
quando em sanha não sente a súplica da vítima
a poesia é piração e pretenciosa cura
cerebral acupuntura pro agnóstico artista
que não sai de sua sede e de seu ser não fuga
porque pra não morrer de maresia marista
ao mar vive a mais voraz e venturosa aventura
que sem viatura na vida do volume dos defuntos
e maleável plenamente em potência só perdura
alígeros e árdegos de analogia segundos
vindos de avoengos e astrológicos aeões
do nebuloso vórtice vulcânico vazando
o magma do passado em púberes padrões
pra modelar das miríades de mundos mais um antro
numa fôrma esfriando encéfalas emoções
e milênios num estro de esquadría esquentando



Natural de Cajazeiras (PB), residente em João Pessoa, o poeta e jornalista Linaldo Guedes (foto) é autor dos livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas* (1998), *Intervalo lírico* (2005), *Metáforas para um*

duelo no sertão (2012) e *Receitas de como se tornar um bom escritor* (2015). Cunhou outra frase lapidar, para construir seu conceito de poesia que, para ele, é...

...Aquilo que não conseguimos esconder na prosa.



O poeta Expedito Ferraz Júnior (foto) nasceu em Maceió, Alagoas, e mora em João Pessoa. É professor de Teoria Literária da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e colabora com artigos de crítica em jornais e revistas de cultura locais. No ano passado, lançou *Poheresia*, livro no qual reuniu poemas escritos ao longo de 25 anos. Poesia, segundo ele, é...

...Uma fêmea que se acaricia. É linguagem cujo centro é a própria linguagem. (Os assuntos, ou referentes, podem ter maior ou menor peso num poema, mas não têm o poder de justificar a presença da poesia. Esta só se manifesta pelo retorno na linguagem sobre ela mesma).

O professor José Mário da Silva, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), é membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e mora em Campina Grande (PB). Também lançou mão da síntese, para expressar sua ideia de poesia:

...É um milagre da linguagem, por meio do qual a palavra, impregnada de beleza, ilumina e reinventa o real.

Amador Ribeiro Neto nasceu em Caconde (SP), em 1953, e reside em João Pessoa, onde leciona na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Poeta, ensaísta e crítico de literatura, é autor de uma dissertação e uma tese de doutorado sobre a criação lítero-musical de Caetano Veloso e, entre outros, do livro *Barrocidade* (2003). Poesia, na sua definição, é...

...Expressão de uma visão de mundo através da linguagem verbal mais radical. O poeta é aquele que expressa o usual de uma forma inusitada - e esta forma criativa é a linguagem trabalhada em sua expressão mais surpreendente. ▶



▶ Sérgio de Castro Pinto (foto) nasceu em João Pessoa. É poeta, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e autor de vários livros de poesia, entre eles, *Gestos lúcidos* (1967), *A ilha na ostra* (1970), *Domicílio em trânsito e outros poemas* (1983) e *A flor do gol* (2014). Resumiu em três poemas algumas de suas ideias sobre poesia:



Mineiro de Cataguases, Ronaldo Cagiano (foto) mora em São Paulo (SP). É poeta, contista, tradutor e articulista, autor, entre outras obras, de *Dicionário de pequenas solidões* (contos, 2006) e *O sol nas feridas* (poesia, 2011). Aludindo a terríveis entidades míticas, comentou que poesia é...

...O refúgio de nossa rebeldia nesses tempos de coisificação da vida e dos sentimentos. Nesse mundo fetichizado pelo deus mercado, é a poesia que nos salva ou nos redime da sedução materialista e nos desvia do umbral do consumo, até que as Parcas, as iniludíveis, um dia venham com seus guantes de aço colocar a pá de cal no caos de existir.

Adriano Wintter nasceu e reside em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foi monge. Tem poemas publicados no *Correio das Artes*, nas revistas *Germina*, *Aliás*, *Eutómia*, *Mallarmagens*, *Separata* (México), *Triplov* (Portugal), *Cinosargo* (Chile) e *Experimenta* (Argentina), no *Jornal Poesia Viva* e na série *Alfa* (Espanha). Em outra resposta curta e enigmática, entende que a poesia é...

POETA X POEMA

nem sempre o poeta
ronda o poema
como uma fera a presa.

às vezes, fera presa e acuada
entre as grades do poema-jaula,

doma-o o chicote das palavras.

RIOS, CIDADES, POETAS

o paraíba, o mamanguape,
o tigre, o eufrates,
o tejo, o sena,

não desviam o curso do poema.

o poema, nenhum rio
ou cidade o fazem.

só os poetas, à margem do lápis:

caniço pensante na maré vazante da linguagem.

ESCREVER/NÃO ESCREVER

escrever é um suicídio branco.
um consumir-se
no fogo brando das palavras.

não escrever, um suicídio em branco.
um consumir-se sem metáforas.

...A biografia do silêncio; é o que existe antes e depois do poema.

O poeta e pesquisador do cordel Aderaldo Luciano nasceu em Areia (PB) e mora no Rio de Janeiro. É autor dos livros *Apointamentos para uma história crítica*

do cordel brasileiro (2012) e *O Auto de Zé Limeira* (2008). Com ritmo e rima, disse que a poesia é...

...Um pé de juazeiro açambarcando o mundo inteiro: tudo ressequido e ela verde, copada e servindo de abrigo.

Beto Brito é natural de Santo Antônio de Lisboa, Piauí, e mora em João Pessoa. É rabequeiro, cordelista, cantor e compositor. Os discos *Pandeiro sideral* (2001), *Mei de feira* (2004), *Imbolê* (2006), *Bazófias de um cantor pai d'égua* (2011) e *Correio da Noite* (2014) integram sua discografia básica. É autor de *Bazófias* (o maior cordel do mundo), em dois volumes. Encerra nossa enquete com uma poema-canção, cujos versos dizem que poesia...

...É a distância que une dois olhares...

É o caminho por onde ninguém passou, mas sente que já esteve por lá...

É o silêncio interior de quem sorrir escancarado...

É o campo magnético dos pensamentos...

É o próprio homem despojado das amarras do poder...

É a felicidade que ninguém vê...

É a dor que todos sentem...

É o passado que se faz presente...

É a angústia dos desesperados...

É o prazer dos que sofrem, sem ter pena de si mesmos...

É Marte há quatro bilhões de anos atrás...

É uma nau imaginária, navegando nos canais de nossas vias...

*É a vida, simplesmente...**

William Costa é jornalista e escritor. Edita o *Correio das Artes* e é colunista do jornal *A União*. Mora em João Pessoa (PB)

Salvador Dalí - Poesia
d'America (1943)



POESIA COMO NOS TEMPOS DE HOMERO

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

A

e

d

o

s

O

grupo surgiu a partir de uma proposta feita em sala de aula, que foi prontamente aceita pelos alunos. Aos poucos outros estudantes se interessaram em participar e o grupo foi se ampliando. Hoje, o Aedos já se tornou uma realidade na literatura, se apresentando em espaços públicos e privados, divulgando a poesia, principalmente de autores paraibanos. A proposta do grupo é ampliar o interesse das pessoas pela literatura e divulgar a produção poética, especialmente a nacional e local.

O Aedos existe há um ano e meio e tem 10 integrantes. A professora Vanessa Riambau Pinheiro coordena o grupo, que conta com Amanda Vital, Jaiane Alves, Ana Lima, Deborah Pontes, Fabrícia Martins, Kaline Araújo, Dijavan Santos de Brito, Eriglauber Oliveira da Silva e Alysson Soares.

Os aedos surgiram na Grécia antiga e tinha, entre seus principais nomes, Homero, além de acompanhamento musical. À pergunta se o grupo paraibano se inspirou na tradição grega, Vanessa Riambau responde que sim. "Há muitos séculos, os aedos eram os responsáveis por divulgar, oralmente, a literatura. Se não fossem por eles, muitas das



O Aedos é formado por Vanessa Riambau Pinheiro (coordenadora), Amanda Vital, Jaiane Alves, Ana Lima, Deborah Pontes, Fabrícia Martins, Kaline Araújo...

FOTOS: DIVULGAÇÃO



...Dijavan Santos de Brito, Eriglauber Oliveira da Silva e Alysson Soares

obras fundadoras da literatura universal não teriam sido sequer conhecidas. Nosso propósito é, a partir da inspiração dos aedos gregos, disseminar a poesia e até dessacralizá-la, ampliando o acesso a ela fora do ambiente acadêmico”, explica.

Segundo ela, todos os integrantes participam da escolha das poesias e também a estrutura das apresentações é resolvida de forma conjunta. Assim, todos os participantes são essenciais, porque cada um declama de uma maneira e se identifica com determinado tema poético. “Geralmente, montamos apresentações temáticas e/ou em homenagem a algum autor específico. Já fizemos, por exemplo, saraus em homenagem ao Dia dos Namorados e ao Dia da Mulher. Neste ano de 2015, o grupo Aedos teve o privilégio de ser contemplado no edital do Fundo de Incentivo à Cultura (FIC) para realizar quatro saraus em homenagem aos seguintes autores paraibanos: Augusto dos Anjos, Sérgio de Castro Pinto, Linaldo Guedes e Leandro Gomes de Barros. Estas serão nossas próximas apresentações”, ressalta Vanessa.

Vanessa disse acreditar que há interesse da população em eventos culturais desse tipo. E acrescenta que o grupo se sente acolhido por espaços como a Estação Cabo Branco, Academia Paraibana de Letras e Empório Café. “Falta estender as apresentações a outros cenários da cidade e do Estado e ampliar a divulgação, para que mais pessoas possam

conhecer o trabalho que está sendo realizado”, reconhece.

Em relação aos autores contemporâneos da Paraíba, Vanessa afirma que o grupo admira o trabalho de poetas paraibanos como Sérgio de Castro Pinto, Jessier Quirino, Saulo Mendonça, Lau Siqueira (oficialmente gaúcho, mas radicado na Paraíba há muitos anos). “Há também uma safra de jovens autores talentosos: Jon Moreira, Felipe D’Castro... Também no Aedos há poetas: Amanda Vital publicou seu primeiro livro de poesias e Dijavan, que assina como Dija Darkdija, deve publicar seu livro em novembro”, informa.

A escolha do repertório de apresentações acontece a partir da definição do tema e/ou do poeta homenageado. Cada integrante escolhe poemas com base em sua preferência pessoal. Vanessa acredita que, assim, imprime-se mais verdade à interpretação do poema. Entre os planos para o futuro está o de trabalhar cada vez mais! “Nosso desejo é que um dia nos tornemos referência de divulgação da cultura local.

Para isso, precisamos continuar trabalhando duro”, observa.

O gosto do grupo é eclético. Vai de Augusto dos Anjos, o principal, a nomes como Fernando Pessoa e heterônimos, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Sylvia Plath, Baudelaire, Paulo Leminski, Mario Quintana, Alice Ruiz, Líria Porto, Florbela Espanca, Leandro Gomes de Barros, Viviane Mosé, Expedito Ferraz Jr, Marcelo Adifa, além de outros tantos e de todos aqueles citados anteriormente. “Musicalmente, somos grandes admiradores de Chico César, e procuramos incluir canções dele nas nossas apresentações”, revela.

VANESSA RIAMBAU: “POESIA É EPIFANIA”

Vanessa Riambau Pinheiro, a coordenadora do grupo, nasceu no Rio Grande do Sul, chegou na Paraíba em 2012 e já se considera “paraiúcha”. Após anos morando em Porto Alegre, Florianópolis, Salvador, San José (Costa Rica) e Lisboa (Portugal), encontrou seu porto seguro aqui em João Pessoa.

É uma professora que tem um amor pelo que faz e que busca cultivar o amor pela literatura sempre que recebe uma oportunidade. “Como agora, nesta entrevista. Afinal, só a literatura é capaz de nos salvar do automatismo, do tédio, da insensibilidade e de todos os males do mundo”, sublinha. Para ela, o poema é o nada que é tudo, parafraseando Pessoa. “Mas, essencialmente, poesia é epifania. Uma revelação. Revela mais de nós mesmos do que do próprio poeta que, afinal, é um fingidor, como também dizia Pessoa”, define. ✦

Linaldo Guedes é poeta e jornalista, autor, entre outros, dos livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas* (1998), *Intervalo lírico* (2005), *Metáforas para um duelo no sertão* (2012) e *Receitas de como se tornar um bom escritor* (2015). Mora em João Pessoa (PB)

As coisas belas SÃO DIFÍCEIS



Em outra oportunidade, já falei de Platão e da importância do seu livro *A República*, focando o *Mito de Er*, narrativa que se encontra ao final desse grande diálogo, fechando a ideia da busca da Justiça como uma prática (*dikaiosune*).

Como é que para Platão, no já referido diálogo, se concebe a estruturação do Estado? A base do Estado (*politeia*) é a Justiça (*dike*), mas não existe Justiça sem educação (*paideia*). É preciso enten-

der que quando Platão diz da necessidade da educação, ele está se referindo à educação da criança (*páis, paidós*), de cuja palavra se origina o termo *paideia*. Ao adulto, não se aplica o termo, pois ou está já educado ou ver-se-á persuadido ou constrangido pela lei.

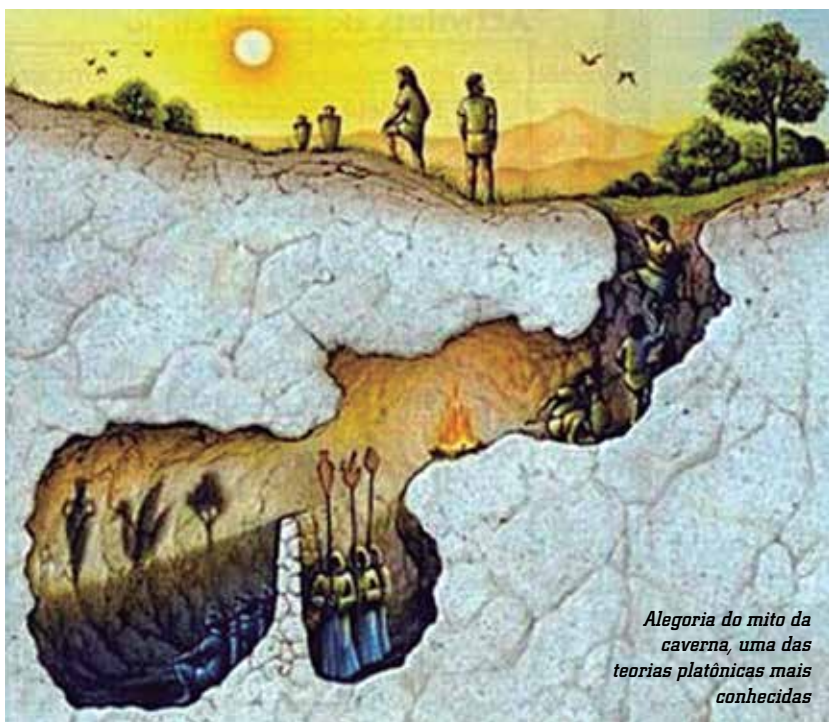
Deve-se educar as crianças, procurando fazê-las entender, desde cedo que os deuses são bons e só fazem o bem, portanto, eles devem ser honrados; que é preciso honrar os pais, que devemos nos amar mutuamente e que não devemos temer a morte. O último princípio, o não temor da morte, queremos crer que pode ser lido de dois modos. A primeira leitura é pragmática: num mundo de guerras, onde a necessidade de defender seu território era permanente, o cidadão não podia temer a morte, pois pior do que a morte é a escravidão. Precisamos lembrar que Platão (428/7-348-7 a. C.) não viveu as guerras contra os persas, no território grego, quando Dario (490 a. C.) e Xerxes (480 a. C.) foram derrotados, e a contra os persas, na Ásia Menor, quando Címon os venceu (468 a. C.). Platão, no entanto, viveu o apogeu da Guerra do Peloponeso (431-404 a. C.).

A segunda leitura do não temor da morte pode ser entendida pelo prisma da reencarnação, vez que só a carne morre, a alma é imortal e haverá de retornar para viver novas vidas, conforme se pode constatar no *Mito de Er* (Livro X, 614a-621d). Ora, uma vez a criança tendo sido educada para buscar, reconhecer e praticar a Justiça, não há por que temer a morte. Diz Platão que a função da alma é viver, já a sua virtude é a Justiça. A prática da Justiça acabará por fazer

FOTOS: INTERNET



Platão e Aristóteles.
Detalhe do afresco A
Escola de Atenas, de
Rafael Sanzio (1483-1520)



Alegoria do mito da caverna, uma das teorias platônicas mais conhecidas

► com que a alma encontre a Justiça nela mesma, depurando-se de todo o mal e de todo o vício. É a educação que proporciona isto, pois só a educação pode nos dar o discernimento do que é o bem e do que é o mal. O bem, uma vez descoberto, ele se reconhece a si mesmo, pois fazer o bem nos leva a um estado de *eudaimonia*, a felicidade. Já o mal, se continua a ser praticado, é por ignorância do que é o bem. Esta é, portanto, a primeira parte da constituição do Estado: educar as crianças.

Para um bom funcionamento do Estado, há três princípios básicos: cada um deve exercer a função para a qual está apto; deve existir uma limitação do número de filhos, de acordo com as posses de cada cidadão, e os pais devem estabelecer o amor às leis e às regras, desde a infância. A partir desses princípios basilares, pode-se construir um Estado justo, tendo como espelho a coragem, o conhecimento e a temperança. A coragem, para não temer a morte e poder proteger o seu território; o conhecimento para discernir o bem do mal, a virtude do vício; já a temperança, como diz Platão, é uma espécie de ordem e de império sobre os prazeres e as paixões (Livro IV, 430e). Não se trata de abolir

os prazeres, mas de saber ser comedido, de ser equilibrado, o que o grego chamava de *métron*.

É óbvio que um Estado não se constrói sem leis, mas um Estado justo procura a lei justa, que, para Platão, tem a seguinte concepção:

“A lei não se preocupa em assegurar uma felicidade excepcional a uma classe de cidadãos, mas procurar realizar a felicidade no Estado por completo, unindo os cidadãos pela persuasão ou pelo constrangimento, levando-os a fazer parte, uns aos outros, dos serviços que cada classe é capaz de dar à comunidade” (Livro VII, 519e-520a).

De modo a entender a argumentação de Platão em favor da prática da Justiça, existem três mitos dentro da *República*, que são importantes revisitar: o mito do anel de Gíges (Livro III, 359b-360d); a alegoria da caverna (Livro VII, 514a-519e), o mito de *Er* (614a-621d). A compreensão, análise e interpretação de cada uma dessas narrativas daria uma tese de doutorado. Vamos ater ao essencial.

Quem alude ao *anel de Gíges* é Glauco, um dos que dialogam com Platão e que acreditam em um sentido de Justiça diferente daquele que Platão apregoa. Para Platão, sintetizando, a Justiça é procurar fazer um bem que pode ser revertido em favor da comunidade, em favor de todos, o que significa abrir mãos de interesses individuais. Nesse aspecto, é melhor sofrer uma injustiça do que cometê-la. Glauco pensa diferente e narra, então, o mito do anel de Gíges. Gíges é um pastor que acha um cadáver escondido dentro de um cavalo de bronze, que se encontrava em uma grande vala aberta ao campo. Desse cadáver, Gíges retira um anel que o faz ficar invisível ou visível, conforme ele o pressione. Com o uso do poder do anel, Gíges entra na corte, seduz a rainha, torna-se rei, usurpando o poder. Para Glauco, quem tivesse um poder desses, sendo um deus na terra, e não o usasse seria um infeliz. Platão pensa diferente. Comentaremos mais adiante.

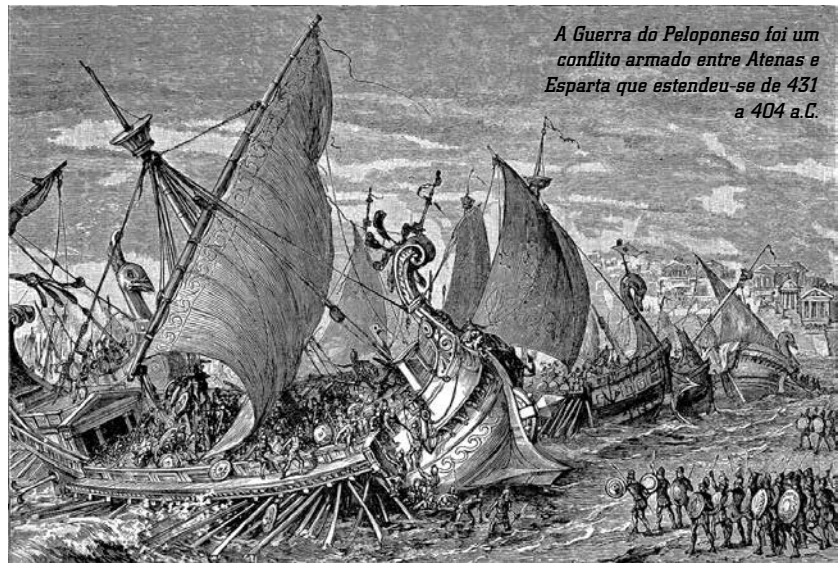
Na *alegoria da caverna*, os homens que lá se encontram presos, sem poder movimentar a cabeça, veem apenas as sombras do mundo exterior projetadas na parede da caverna. Para eles, esta é a realidade. Se algum dos habitantes da caverna conseguir sair da prisão e conseguir fazer a penosa e íngreme subida para a luz, ele será, de início, cegado pela luz, mas ao habituar-se, verá que o que ele via eram apenas as sombras dos que passavam fora da caverna. O que se tomava por verdade era apenas aparência. Se ele voltar à caverna e começar a esclarecer o que viu, afirmando que os que ali se encontram estão tomando a aparência pela verdade, aqueles acharão que ele enlouqueceu e haverá mesmo os que, se tiverem oportunidade, tentarão matá-lo pelo fato de ele estar dizendo coisas absurdas.

Quanto ao Mito de *Er*, temos que *Er* é um herói morto em batalha, que, por uma deferência dos deuses, volta à vida, no

► décimo segundo dia, quando seu corpo já se encontrava sobre a pira, para a realização das honras fúnebres. A intenção dos deuses é que Er seja testemunha do que vira no mundo dos mortos, narrando para os demais homens o que lá presenciara.

Alvo de um julgamento, as almas dos julgados justos se dirigiam para um caminho ascendente, em direção ao céu. Já as almas dos injustos tomavam um caminho descendente, em direção ao interior da terra. Er não recebe julgamento, reunindo-se às almas que vêm do céu ou do interior da terra, depois de cumpridos tempo e obrigações necessários para retornarem à vida, em novo corpo. Todas as almas que já haviam terminado o seu período de mil anos dirigiam-se ao local onde se encontrava o *Fuso da Necessidade*, cujas filhas estavam sentadas ao seu redor: Láquesis cantava o passado, Cloto cantava o presente e Átropos, o futuro. As almas se apresentavam, então, a Láquesis e ouviam a sua declaração, pronunciada por um intérprete divino: cada alma a começar nova vida escolhe seu próprio demônio (*daimwn*); o primeiro designado pela sorte escolhe a vida à qual estará ligado pela necessidade; a responsabilidade é de quem escolhe, não da divindade.

Narrando aos circunstantes, e especialmente a Glauco, o que Er vira no mundo dos mortos, a alegoria mítica de Platão nos revela a nós próprios que somos os únicos responsáveis por nossas escolhas. As consequências, portanto, dessas escolhas, boas ou más, também são de nossa inteira responsabilidade. Se não refletirmos com relação ao que escolhemos, iremos responder por elas. De nada adianta imputar a outrem ou aos deuses o modelo de vida que escolhemos, mas refletir sobre ele, antes de escolher. Assim, através da alegoria, o *mito* ajuda o *lógos* a demonstrar o sentido do que é a Justiça, Justiça que está em nós mesmos, nas escolhas que fazemos e, sobretudo, na responsa-



A Guerra do Peloponeso foi um conflito armado entre Atenas e Esparta que estendeu-se de 431 a 404 a.C.

bilidade que assumimos, com relação aos nossos atos. Não há como procurar a Justiça fora de nós, pois ela não é algo abstrato nem se encontra no outro. Nós somos, ao mesmo tempo, sujeito e objeto dela. Como só atingimos a Justiça com a prática diária da Justiça, a partir da escolha primordial dos nossos atos, nós somos o sujeito responsável pela sua existência. É desse modo que o termo *dikaïosune*, prática da Justiça, usado em todo o diálogo, torna-se *Dike*, personificação da Justiça.

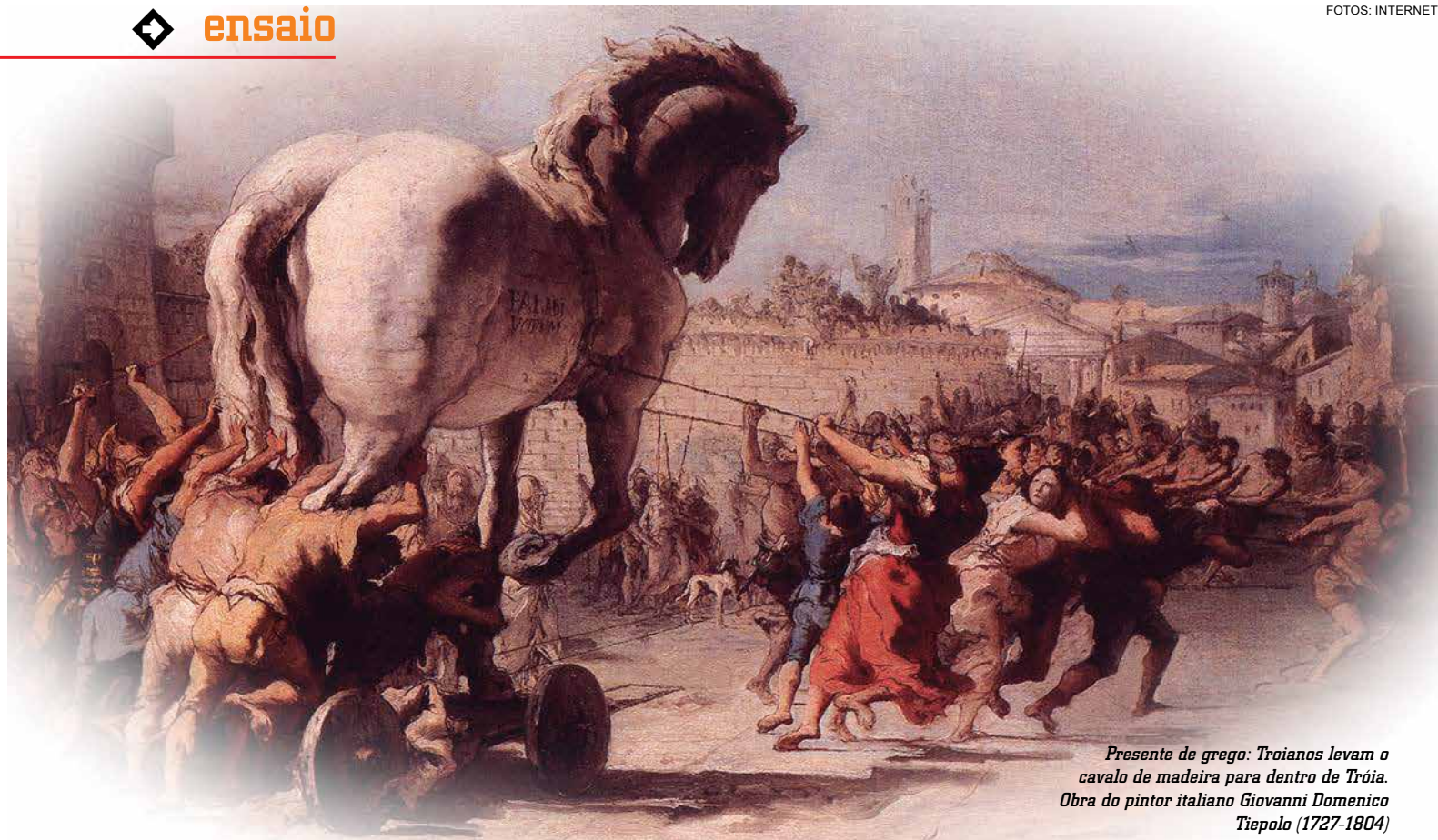
O *Mito de Er* é plausível, pois é uma alegoria, exemplo de que se utiliza o discurso teórico e argumentativo para se fazer melhor compreender. O *Mito de Er* mostra uma plausibilidade, unindo duas faces diferentes, mas não excludentes, da expressão verbal do dizer algo a alguém: *mito* e *lógos*.

Como juntar as três narrativas, de modo a demonstrar que elas estão na essência da argumentação para a construção de um Estado justo? Lembremos que o *mito do anel de Gíges* foi narrado por Glauco, para argumentar que quem tem o poder de fazer o que quer e não o faz é infeliz. Platão contrapõe-se argumentando que só a realização do bem é que traz a felicidade. Só a busca da Justiça e do equilíbrio é capaz de fazer o homem atingir a felicidade máxima – a *eudaimonéstatos* (Livro X, 619b).

Na realidade, o sentido da Justiça é exatamente contrário ao que pensa Glauco. Precisamos buscar a Justiça sempre, exista ou não fiscalização sobre nós. Não se deve fazer a Justiça por medo da lei ou só quando estamos sendo observados. Por essa concepção, o anel de Gíges é, portanto, inútil: a Justiça deve ser praticada, sobretudo, quando não estamos sendo vigiados. Por outro lado, o que nos diz a alegoria da caverna é que cabe a quem fez o caminho árduo e íngreme do conhecimento descer para levar a luz para os demais (*paideia*), pois o conhecimento educa e leva à verdade.

Enfim, os caminhos para encontrarmos a Justiça são: fugir da intemperança e das paixões que nos escravizam e nos tornam injustos (o anel de Gíges), por intermédio do difícil caminho da busca da luz do conhecimento, que deve ser difundido mesmo enfrentando outras dificuldades (alegoria da caverna) e assumir que as escolhas são responsabilidades nossas, sem imputar culpas a ninguém (mito de Er). É difícil? Sim, por isto mesmo Platão afirmou: *Khalepà tà Kalá* – As coisas belas são difíceis (Livro IV, 435c). ◀

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB)



Presente de grego: Troianos levam o cavalo de madeira para dentro de Tróia. Obra do pintor italiano Giovanni Domenico Tiepolo (1727-1804)

Analogias do Inteligível

Ricardo Soares
Especial para o *Correio das Artes*

Para as escritoras Neide Medeiros Santos e Maria de Molina Ribeiro, sempre incondicionalmente admiradas.

Uma característica intrigante – e instigante – do processo intelectual de assimilar cultura é que a compreensão dos clássicos foge quando se pensa tê-la conseguido; inclusive por se estar fadado a granjear o entendimento deles, clássicos, pelo prisma restritivo da contemporaneidade. Mas é claro que o diálogo das épocas resvala para debates fecundos em suas minúcias.

A *Iliada* e a *Odisseia* representam a reta de largada da literatura ocidental, e servem como roteiro de sólida educação humanística. Sócrates, conforme a *República*, de Platão, revela que, com

Homero, houvera por bem intemperar o debate de questões inerentes ao conhecimento humano. O que ratifica como a conjunção entre funções estética e propedêutica concede, à épica homérica, o patamar de obra por excelência fundadora da civilização ocidental.

Conta-se, na *Iliada*, o derradeiro dos dez anos de um dos maiores embates da Antiguidade, a guerra de Troia, ocorrida em 1.200 a.C. E narra-se, na *Odisseia*, o regresso ao lar de Odisseus, protagonista seminal daquela guerra. Além de seguirem (a *Iliada* e a *Odisseia*) tradições diferentes, episódios da *Odis-* ▶



seia (que é posterior) se referem criticamente a passagens da *Iliada*. Homero inventou paradigmas de heróis; neles, a agonia intrínseca decorre de solar nitidez focada na transitoriedade vivencial.

Nas vertentes expositivas da *Odisseia* e da *Iliada*, contempla-se carrossel de cenas com predomínio daquelas de movimentações físicas, intercaladas de flagrantes intimistas, captados por técnica argumentativa que soergue impasses para solucioná-los, rastreando-os ao narrá-los. Na *Iliada*, o traço de amargura é insanável: sob o espectro do seu herói central, Aquiles, o perene é preço da efemeridade, truncamento da existência. Na *Odisseia*, Ulisses vê-se forçado a abandonar trajetória incandescente e a exercer maneiras de sobrevivência: a reconstrução da identidade presume superar intempéries. O enfrentamento de circunstâncias inabituais define os poemas homéricos.

Confrontar enigmas instaura elo resistente, associando o *Ulisses*, de James Joyce à *Odisseia*, de Homero. O que se atesta não apenas em cada situação simbólica, também episódio a episódio, personagem a personagem: Leopold Bloom, sua mulher Molly e Stephen Dedalus são os personagens que Joyce ficcionou, esgrimindo intrincado jogo intertextual para reviver Ulisses, Penélope e Telêmaco, transpondo a *Odisseia* até as ruas da Dublin do início do século passado. Antes de constatar o paralelismo duma quase paródia, o relevante consiste em apreender como o arcabouço do romance joyciano, ao se modelar pela unidade ática, pretende explodir os limites lexicalizados da linguagem. Por consequência, o leitor percorre páginas onde prepondera a harmonia arquitetônica das estruturas fragmentares, tornando inexequível pressentir



James Joyce (1882-1941), autor de *Ulisses*. Nas fotos acima, representações pictóricas da *Odisseia* (Homero) e *Os Lusíadas* (Luís de Camões).

disruptivo o fluxo da consciência, como Hermann Broch mostrou com agudez.

Dir-se-ia que o *Ulisses* é, para a literatura, equivalente à montagem de Eisenstein para o cinema. Ao explodir a linguagem, Joyce conseguiu representar a realidade, estilizando-a em milhares de fragmentos; algo que, na pintura, é comparável a Braque e Picasso urdindo o cubismo analítico quando seccionaram, em infinitos planos, uma única figura. De sorte que a perplexidade suscitada pelo autor irlandês, devastadora sob forma de ecos ou influências, externa irradiação similar ao po-

der irradiante de Edgar Allan Poe nas letras americanas, extrapolando e inseminando territórios literários. Influências ou ecos que, emanados da leitura de James Joyce, desembarcaram no Brasil por diligência de Oswald de Andrade e, precipuamente, na esteira de Guimarães Rosa: *Grande Sertão: Veredas* é exemplo basilar de inseminação linguística.

Quando se pensa em inseminar criatividade, remete-se ao mito ulissaico que, nas epopeias homéricas consagradas, ressurgiu enriquecido de elementos em tragédias de Ésquilo e Eurípedes; aparece, então, em latim, na *Eneida*, de Virgílio; e segue pontificando em poemas, narrativas, dramas, óperas, etc., provenientes da Idade Média até a Moderna, chegando à Contemporânea. Sublinhe-se, porém, que a verdadeira epopeia somente pode ser produzida pelo trabalho coletivo de vários poetas, consoante observável em Homero. Motivo pelo qual, realizando proeza ímpar, Luís de Camões pôs em xeque as divisas entre o heroico e o mítico. Tanto o fez que, em *Os Lusíadas*, o mais perfeito poema épico, edifica prodígio cuja envergadura se tentava alçar (sem êxito) desde o fim da Antiguidade. Não sendo fortuito que a saga dos portugueses, tecida pelo gênio camoniano, tenha-se provido de circuitos emblemáticos: insipiração suprema ao relatar tudo o que a História de Portugal apresentasse como digno de ficar celebrizado e enaltecido.

Enaltecer e celebrar não eram motivos acalentados por James Joyce, no que se aproxima de Miguel de Cervantes. O estudo cauteloso de cenas de *Dom Quixote* desvenda o protótipo da graça intencionada; e o resultado, concomitante à incidente pressão demolidora da sátira nutrida com as

► ideias precursoras da reforma luterana, reside no quadro perempto das concepções formalistas arraigadas à nobreza medieval. Isto posto, a conexão entre *Elogio da Loucura* e *Dom Quixote* assume clareza meridiana, possibilitando o deleite de vincular Cervantes ao que admirava em Erasmo de Rotterdam: o humanista do livre-arbítrio como fonte de opção ética. Ele, Cervantes, parodia antecessores e, ao fazê-lo, satiriza-os em matéria de estilo empolado; daí ser tido como lastro comparativo para exercícios de sucinta ironia praticados por Joyce, embora neste o satirismo conciso adquira grau mais compacto que o cervantino.

Utilizando recursos estilísticos insólitos, James Joyce compõe linguagem mítica, corrosiva, suprarreal, agônica, enfim: que abarca e funde ângulos multivários. Ao compô-la, propõe, no âmbito romanesco, objetividade radical; propositura inusitada quando se frisa que estava munido com as extraordinárias heranças de Dante Alighieri, Henrik Ibsen e William Blake. Suficientes argumentos para Ezra Pound ser categórico: "Joyce retomou a arte de escrever do ponto em que a deixou Flaubert" (vide Pound, Ezra in *Sobre Joyce*, p. 276. Barcelona: Barral Editores, 1971). É uma avaliação irretocável, porquanto ombreando *Bouvard e Pécuchet*, o mago irlandês galgou escalões do intelecto para a humanidade, ratificando como as mais satisfatórias analogias do inteligível constituiriam a verdade, ao passo que as mais prazenteiras relações do sensível delineariam a beleza.

É cabente discernir que, se, ao publicar *Chamber music* e *Exiles*, Joyce enveredara por escrita reverenciável, quando alcança *Ulisses* (qualitativo salto em sua prosa), amalgama o espectro da gente urbana de *Dubliners*, e o relato das torções existenciais de *The portrait of the artist as a young man*. Valendo enfatizar, destarte, que *Ulisses* é um dos marcos miliares da literatura moderna juntamente com *Os cantos*, de Pound, e *A terra desolada*, de T. S. Eliot, edificadas os três nos andaimes da tradição recriada ou renovada. São fenômenos, mas o de Joyce permite



Dom Quixote e Sancho Pança, do pintor mexicano Jesus Helguera (1910?-1971)

enxergá-lo um cosmo literário de reverberações contínuas. Ilustrativo disto, vestígios do *Ulisses* emergem das intensidades exaurientes de *O som e a fúria*, pois a joyciana alternância de vozes narrativas provoca soberbos oásis de interioridade no método da *stream of consciousness* adotada por William Faulkner.

Como T. S. Eliot assegura com sua característica perspicácia, uma obra deveras original cria, retrospectivamente, a própria genealogia. Invoque-se o legado de Simões Lopes Neto, que esbanja tão adulta originalidade; a partir do dialeto gauchesco, labora a reinvenção de palavras e a poetização dos textos com espessura cuja fibra impele associá-lo às malhas de enigmas (decifrados em língua portuguesa pelo transcriativismo precursor de Augusto e Haroldo de Campos, privilégio equiparável às traduções envidadas por sapiências como a do lexicógrafo Antônio Houaiss e a do professor Donald Schüler)

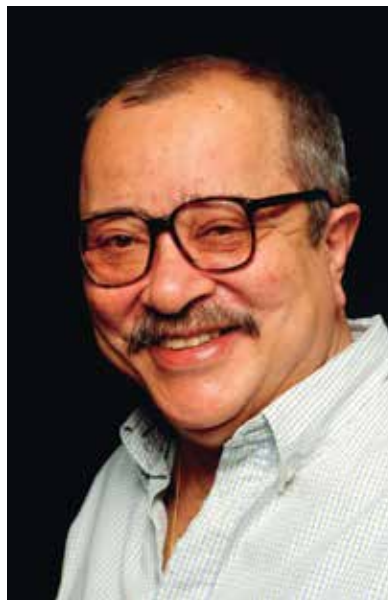
reinantes no *Finnegans Wake*. E rememore-se que os enigmas fascinam desde *Édipo Rei*, de Sófocles: dele (como de Ésquilo), tragédias insignes abordam sonhos tributários dos arquétipos culturais que impregnavam de sentido os céus e a terra, os dias e as noites. Ocupando lugar na delicada questão da dialética entre ditos pilares arquétípicos e signos universais, a estes Joyce ressignifica à custa de oníricos experimentos, incríveis por se manterem imunes a precárias compreensibilidades.

Ao optar, em *Finnegans Wake* (tradução de Donald Schüler, 2ª ed., 5vols. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004) pelas mundividências lúdicas e noturnas, James Joyce desagrega a linguagem para reconstituí-la num infundável entre- ►

▶ laçamento semântico. Entrementes, ao narrar sob os auspícios dos pressupostos viquianos (pairam, cristalinas, influências como as teorias de Giambattista Vico), escavações em espiral revolvem camadas episódicas instaurando perplexante atemporalidade mítica. Convindo-se que a narrativa seja em tudo eivada de polissemia e reversibilidade, como assinala Walnice Nogueira Galvão, mergulha-se numa apócrifa saga irlandesa. Os contornos circulares do livro investem massa enciclopédica para desafiar fundamentos da épica enquanto os vocábulos se revestem de destinos políglotas; a célebre intercadência onomatopeica que traduz o interminável retorno dos ciclos vitais ecoa vibrátil logo na primeira página. Tudo isto é catalisado pelo semblante de Anna Lívia Plurabelle, personagem que simboliza mitopoeticamente a feminilidade via referências fluviais, águas heraclitianas que jamais recalcitram a se concederem verter.

Cumprir expender que, quando o romantismo passou a derreir compartimentações rígidas onde se encapsulavam os gêneros literários, foi dilacerando camisas de força agitadas como bandeiras pelo classicismo. Emitiram-se, na sequência, sinais que, esboçados no século XIX, iriam provocar ingente revolução na literatura; uma revolução geratriz de algumas das obras pelas quais o século XX perdura evocado: *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *A montanha mágica*, de Thomas Mann, *O homem sem qualidades*, de Robert Musil, e *Ulysses*, de James Joyce. Obras estas que transformaram o romance num gênero multifacetado, em cuja órbita vieram girar, como satélites poderosos, o ensaio filosófico, o tratado científico, a reflexão histórica e a aventura linguística. Exatamente como preconizara T. Mann ao colher, principiada a centúria pregressa, indícios do paulatino fenecer da arte romanesca na ótica judicante dos leitores (vide Karst, Roman in *Thomas Mann: História de uma disonância*, pp. 374/375. Barcelona: Barral Editores, 1974).

No romance enquanto gênero multifacetado, esvazia-se o herói frequente nos poemas cavaleires-



João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), autor do aclamado romance *Viva o povo brasileiro*, no qual "o vulto de Homero se insinua"

cos e no romancismo dos pícaros; sucumbindo, cede lugar ao anti-herói (vide Brombert, Victor in *Em louvor de anti-heróis*, p.207. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012) tendente a evadir-se para desvãos de onirismos, ou para trilhas abafadas, fisiológicas, amornadas pela mesmice rotineira com suas ambiguidades e dilacerações miseráveis. Está-se falando em defrontar perfis como os daqueles "homens sem qualidades", que povoam o centro da literatura do século transato: no âmago de páginas contundentes, encenam eles o que Eugenio Montale denominaria "épica da causalidade cinzenta da vida de todos os dias" (vide *A borboleta de Dinard*, tradução de Armandina Puga. RJ, Nova Fronteira, 1976, p. 146). Noutras palavras, existências protagonizadas na fronteira do banal, fiapos humanos similares aos personagens de Samuel Beckett, ou indivíduos apáticos como os retratados por Robert Musil e Italo Svevo, que lidam sem tréguas com a inépcia para atos transgressivos e vão adiante: desintegram o conceito de identidade, esvaziando-a nas proporções gravadas pela destreza pictórica de Eugène Delacroix.

Para a teoria psicanalítica da cultura, acontecimentos banalizados com a tarja rotulante da tenuidade adensam, nos inters-

tícios do dia a dia, o caos das distorções valorativas. Entretanto, quando Umberto Eco se pronuncia sobre a permanência dos clássicos numa era de sondagens virtuais, realça o poderio da literatura contra o efêmero: cada releitura de um clássico proporciona o encantamento das narrações imodificáveis; narrações que educam, seja para exercer a liberdade e a criatividade, seja para aceitar o fado e a morte. Em síntese, os clássicos permanecem, de um jeito ou de outro: demonstrativo marcante da dimensão épica (fragmentada, pantagruélica e temperada com dosagens de humor) viável na atualidade, encontra-se em *Viva o povo brasileiro*, que é permeado de instantâneos nos quais o vulto de Homero se insinua por trechos inolvidáveis conduzidos pelo requinte verbal de João Ubaldo Ribeiro.

Insofismavelmente, as informações ao alcance de todos não sonégam que a sabedoria, tipo mais precioso de conhecimento, incorre à margem dos escritores notáveis. Exemplar mavioso disto na arte cheia de sutilezas que Shakespeare cultuou, *A comédia dos erros* arquiva nela intensa meditação filosófica, farto embasamento científico e inexcedível sofisticação vocabular. Estes ingredientes coincidem com os usados por James Joyce para atingir, pelo estrategismo de impessoalizar-se, o cerne da condição paradoxal e trágica das criaturas humanas em sua vacuidade existencial. É certo que, quando redigiu estrofes de *Ecce puer*, pareceu renegar a despersonalização estratégica que estampava como ideal artístico: *Young life is breathed / On the glass; / The world that was not / Come to pass*. Atentando-se bem, estava a premunir-se de desvios no rumo da inteligibilidade analogicamente cobiçada. ✦

Ricardo Soares de Carvalho nasceu em Recife (PE). É jornalista e escritor. Publicou os romances *Nadir e Absurdo* e escreve ensaios, abordagens críticas e contos para revistas literárias. É membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Reside em Campina Grande (PB)

FOTOS: INTERNET



Mário de Andrade, autor de *Macunaima*, publicado em 1928

MÁRIO DE ANDRADE
E
OSWALD DE ANDRADE:

Aproximações e semelhanças entre suas obras

ambos sabiam que, não obstante os nascentes modernismos de outros lugares – Recife, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, por exemplo, a capital paulista serviria de grande disseminação dos ideais vanguardistas em todo país. Afinal, como o próprio Oswald dizia:

O movimento modernista, culminado no sarapão antropofágico, parecia indicar um fenômeno avançado. São Paulo possuía um poderoso parque industrial. Quem sabe se a alta do café não ia colocar a literatura nova-rica da semicolônia ao lado dos custosos surrealistas imperialistas? (ANDRADE, 1933, p. 11)

Uma das inovações praticadas por Oswald de Andrade em *Memórias Sentimentais de João Miramar* é a extensão dos capítulos do livro, extremamente curtos. Funcionam como retalhos do passado do narrador, cuja memória é acionada de forma fragmentada. João Miramar pertence a uma rica família burguesa. Sua infância é marcada pela morte do pai. Miramar estuda em bons colégios de São Paulo e, depois de se formar, parte para uma longa viagem de conhecimento e amadurecimento, passando por Tenerife, França, Alemanha, Itália, ▶

André Caldas Cervinskis

Especial para o *Correio das Artes*

Mário e Oswald de Andrade formaram a dupla de liderança do Modernismo no Brasil, responsável pela introdução das novas propostas artísticas das vanguardas europeias. Tão preocupados com o estabelecimento de um projeto cultural genuinamente brasileiro quanto com a recepção e adaptação das ideias vanguardistas, produziram obras que tinham como objetivo traduzir as tradições nacionais com registro inovador. Mas ambos tinham a noção da responsabilidade que estavam em suas mãos. E



Oswald de Andrade publicou *Memórias Sentimentais de João Miramar* em 1924

► Suíça e Inglaterra. Neste último país recebe um dinheiro extra, enviado pela família, que solicita seu rápido retorno ao Brasil. O jovem deve voltar ao país para assumir suas responsabilidades de herdeiro e de homem adulto. Ao chegar, toma conhecimento da morte da mãe – o que completa sua condição de órfão. Recebe a herança que lhe é devida e se casa com a prima Célia, estratégia usual naquela época para manter o controle financeiro em mãos familiares. Daí, seguem-se várias desventuras amorosas e desencontros até que se reaproxima da filha.

Memórias Sentimentais de João Miramar, publicado em 1924, é tão importante para a literatura brasileira quanto *Macunaíma*, de Mário de Andrade, publicado alguns anos depois. Nos dois casos, nota-se o esforço de renovação da ficção brasileira, tanto na abordagem do assunto quanto em sua expressão verbal. Obra de leitura exigente, *Memórias Sentimentais* representa um dos pontos altos do radicalismo oswaldiano. O romance representa a primeira tentativa de construção do romance moderno no Brasil. Inserido no projeto modernista, busca desconstruir as bases da forma tradicional da narrativa de ficção. Esse exercício de demolição começa já no prefácio, ele próprio parte da ficção, já que vem assinado por Machado Penumbra, personagem do livro. Ao final do volume, a informação a respeito do local e data da produção da narrativa é mais um elemento de ficção: “Sestri Levante – Hotel Miramare, 1923”. Já começando a estabelecer um coitejo entre as obras dos dois escritores, percebemos que, segundo o prefaciador desse livro, à sua 22ª. edição, Haroldo de Campos afirma: “É o próprio Mário de Andrade quem, expressamente, registra a influência de Oswald sobre sua prosa”



Haroldo de Campos: “É o próprio Mário de Andrade quem, expressamente, registra a influência de Oswald sobre sua prosa”

do Oswald e decerto os preceitos usados por ele atuaram subconscientemente na criação da carta e acho comprida por demais. O primeiro ponto não acho remédio. O segundo, vou encurtar a carta. Mas não tiro ela não, porque gosto muito dela. (CAMPOS apud ANDRADE, 1933)

Publicado em 1933, *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, possui, entretanto, o espírito do Primeiro Tempo Modernista (1922-30), pois foi produzido durante o clima iconoclasta desse período. Essa é a explicação tanto para os seus méritos como para seus defeitos. Apesar de ser considerado conti-

nuação de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, a presente obra representa um dos pontos máximos da prosa dos anos heroicos do modernismo, mesmo que não chegue perto de Brás, Bexiga e Barra Funda, de Antônio de Alcântara Machado ou de Macunaíma, de Mário de Andrade. Seu grande valor está no cuidado em se colocar na vanguarda literária de seu tempo. Sua temática, por exemplo, se não é moderna, é típica do modernismo. Despeja-se um humor corrosivo em cima das tradições e valores de uma classe social da qual faz parte e chega a compactuar em certos momentos: a burguesia paulistana. É uma postura contraditória, mas muito comum entre os primeiros modernistas. A começar, chama a atenção, no relato das memórias de Serafim Ponte Grande, a *sexualização constante*, já presente no primeiro capítulo: PRI (ANDRADEa, 1933, p. 19). Também nas *Memórias*, sentimos a mesma erotização e exacerbação da sexualidade, assunto ainda tabu naquela época: 16. BUNTANTÁ: Prima Nair que estava interna com as irmãs bochechudas Célia e Cotita noutro colégio mandou uma carta ao Pantico dizendo assim: “Já sabes que estou na classe amarante? As meninas aqui não são tão maliciosas como no internato de Miss Piss. Mas... nunca vi que espírito civilizado elas têm. Pois como elas não têm moços para namorar elas namoram-se entre si. Todas elas um namorado como elas dizem e é uma outra menina: uma faz o moço e a outra a moça. E quando elas se encontram se beijam como noivos. Por mais que não se queira ficar como elas, inconscientemente fica-se. As meninas de agora não são como as de outro tempo. Logo nascerão sabendo. Uma de seis anos não é inocente; já têm desde pequenas aqueles olharzinhos que mais tarde servirá para malícia. Eu só comecei saber a vida aos dez anos. Hoje em dia com sete já se sabe tudo. (ANDRADE, 1990, p. 49)

Igual erotização e sexualização encontramos também no primeiro capítulo de *Macunaíma*, coincidentemente: ►

▶ No fundo da mata virgem, nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. [...] Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaiamuns diz-que habitando a água-doce por lá. No mocambo, *si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava.* Nos machos guspia na cara. (ANDRADE, 2007, p. 13 – grifos nossos)

Com esse comentário, já podemos introduzir algumas informações acerca de *Macunaíma*. Ele nasce à margem do Uraricoera na Floresta Amazônica e já manifesta suas características mais fortes: a sexualidade, a falta de caráter, a preguiça. Desde pequeno ele busca prazeres amorosos com a mulher de seu irmão Jiguê. Em uma de suas “brincadeiras” amorosas, Macunaíma se transforma em um príncipe lindo. Por suas traquinagens, Macunaíma é abandonado pela mãe. Com a ajuda dos irmãos, Macunaíma consegue fazer sexo com Ci, a Mãe do Mato, que engravida e perde o filho. Após a morte do filho, Ci sob e ao céu e se transforma em uma estrela. Antes disso, ela dá a Macunaíma a famosa muiraquitã, um tipo de talismã ou amuleto. Triste, Macunaíma segue seu caminho após se despedir das Icamiabas (tribo das índias sem marido). Vai a São Paulo atrás do muiraquitã.

No retorno a São Paulo, Macunaíma escreve a famosa “Carta pras Icamiabas”, na qual descreve, em estilo afetadíssimo, a agitação e as mazelas da vida paulistana. Com Venceslau Pietro Pietra adoentado por conta da surra que levou de Exu, Macunaíma fica impossibilitado de recuperar a pedra. Assim, ele gasta seu tempo aprendendo as difíceis línguas da terra: “o brasileiro falado e o português escrito”. Por fim, no epílogo o narrador conta que ficou conhecendo essa história através do papagaio ao qual Macunaíma havia relatado suas aventuras.

Um outro elemento comum



Grande Otelo em cena do filme Macunaíma, inspirado na obra de Mário de Andrade

em ambos os escritores é a *paródia*. Como afirma o escritor e crítico Haroldo de Campos, em prefácio à 22ª edição de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, “A paródia marioandradina é mais arcaizante, voltada para o linguajar quinhentista, colhido nas fontes escritas dos clássicos portugueses e dos primeiros cronistas que deram relato de nossa terra. De envolta, é redicularizada a gramatiquice dos puristas; [...] Já a paródia oswaldiana apanha esses mesmos vezos na sua diluição retórica”. Assim, para exemplificar:

Mário:

Por estas paragens mui civis, os guerreiros chamam-se polícias, grilos, guardas-cívicos, boxistas, legalistas, mazorqueiros, etc; sendo que alguns desses termos são neologismos, absurdos – bagaço nefando com que desleixados e petimetres conspurcam o bom falar lusitano. Mas não sobra já vagar para *sub tergmine fagi* sobre a língua portuguesa, também chamada lusitana. (ANDRADE, 2007, p. 225)

Oswald:

[...] em sua diluição retórica, Paulo Prado infelizmente engendra o mal da eloquência balofa e roçavante, um dos grandes males da raça.

(ANDRADE, 1933, p. 117)

Mário de Andrade, centrando-

-se nas pesquisas etnográficas e da cultura popular, recheia seu livro de coloquialismos, não sem inovar a linguagem, desrespeitando a norma culta, compondo um romance não-canônico ou tradicional, com parágrafos curtos. Oswald vai centrar seus dois livros principalmente na crítica aos costumes. Isso, porém, não isenta de o introdutor do poema-pílula no Brasil esmerar-se em contos, poemas e textos epistolográficos curtos, inovando também na estética literária. Assim, segundo Campos (apud ANDRADE, 1933):

O Serafim de Oswald de Andrade é um livro que, desde logo, põe em discussão a sua estrutura. Já no *Miramar* Oswald desenvolvera o projeto de um livro estilhaçado, fragmentário, feito de elementos que se deveriam se articular no espírito do leitor, um livro que era como que a antologia de si mesmo. [...] Se no *Miramar* a grande inovação se punha sobretudo no nível da sintaxe da escritura, no nível microestético do encadeamento estilístico das unidades do texto (palavras e frases), aqui é a grande sintagmática da narrativa que merece a atenção do autor. No *Miramar*, podemos reconhecer um estilo cubista ou metonímico, na maneira pela qual Oswald recombinava os elementos frásicos à sua disposição. [...] Agora, no *Serafim*, essa técnica cubista, esse tratamento metonímico, parece

- ▶ ocorrer no nível da própria arquitetura geral da obra, na macroestrutura, portanto. O Serafim é um livro compósito, híbrido, feito de “pedaços” ou amostras de vários livros possíveis, todos eles propondo e contestando uma certa modalidade do gênero narrativa ou da assim dita arte da prosa (ou mesmo do escrever *tout court*). (Grifos nossos)

Daremos a seguir alguns exemplos dessas *inovações estéticas e de linguagem* que Haroldo de Campos enfatizou nas três obras:

Oswald:

6. MARIA DA GLÓRIA

Preta pequenina do peso das cadeiras. Cabe-los brancos e um guarda-chuvas.

O mecanismo das pernas sob a saia centenária desenrolava-se da casa lenta à escola pela manhã branca e de tarde azul.

Ia na frente bamboleteando maleta pelas portas lampiões eu menino.

(ANDRADE, 1990, p. 46)

K

Klober – Sábio alemão e massagista. Meu vizinho de quarto.

Kathe – Baleia que amei uns tempos.

Seu Kuk – alemão que fazia criação de gatos de raça. Faziam troça com o seu homônimo corporal.

(ANDRADE, 1933, p. 68)

Mário:

Todas as icamiabas queriam bem o menino encarnado e no primeiro banho dele puseram todas as joias da tribo pra que o pequeno fosse rico sempre. Mandaram buscar na Bolívia uma tesoura e enfiaram ela aberta debaixo do cabeceiro porque sinão Tutu Marambá vinha, chupava

o umbigo do piá e o dedão do pé de Ci. Tutu Marambá veio, topou com a tesoura e se enganou: chupou o olho dela e foi-se embora satisfeito. Todos agora só matutavam no pucurucho. Mandaram buscar ele em São Paulo, os famosos sapatinhos de lã tricotados por dona Ana Francisca de Almeida Morais e em Pernambuco as rendas “Rosa dos Alpes”, “Flor de Guabiroba” e “Por ti padeço” tecidas pelas mãos de dona Joaquina leitão mais conhecida pelo nome de Quinquina Cacunda. Filtravam o melhor tamarindo das irmãs Louro Vieira, de Óbitos, pro menino engolir no refresco o remédio pra lombriga. Vida feliz, era bom!...

(ANDRADE, 2007, p. 34-35)

Por último, destacaríamos a não linearidade dos romances. *Serafim*, ainda segue algum tipo de fio condutor, mas muito tênue. Poderíamos ler seus capítulos isoladamente, como contos autônomos. Há textos que são peças de teatro, diários, enciclopédias ou glossários e outro gêneros tradicionais também. No caso de *Memórias*, esse fio condutor se desfaz completamente. Há textos em forma de cartas, poemas, pequenos contos, numa total fragmentação:

Quinta-feira

Vem-me à cabeça a toda hora uma ideia idiota e absurda. Enrabar o Pinto Calçado. Cheguei a ficar com o pau duro. Preciso consultar um médico!

(ANDRADE, 1933, p. 33)

“Joãozinho,

Depois que tu partiste a Celiázinha estava um pouco abatida, caiu doente com resfriado. Há seis dias que o Dr. Pepe Esborracha vem vê-la todos os dias no Ford de Pindobaville. Felizmente já sarou porque os remédios foram muito acertados. Ele é muito

bom médico”. [...]

(ANDRADE, 1990, p. 79)

Da mesma forma, em *Macunaíma*, mesmo conseguindo-se perceber o enredo, o personagem é sempre escorregadio; a impressão que dá é que sempre quer enganar o leitor. Fora isso, as referências indígenas, geográficas e a mistura do português castiço com a linguagem abasileirada (uso de “si” ao invés de “se” ou o uso do pronome oblíquo no início de frases, por exemplo), torna a leitura mais fluida, fazendo o leitor literalmente “viajar” no texto:

[...] O herói apanhava. Recebera já um murro de fazer sangue no nariz e um lapo fundo de txara no rabo. A icamiaba não tinha nem um arranhãozinho e cada gesto que fazia era mais sangue no corpo dos passarinhos. Afinal se vendo nas amarelas porque não podia mesmo com a icamiaba, o herói fugindo chamando pelos manos:

- *Me acudam* que sinão eu mato! *Me acudam* que sinão eu mato! (ANDRADE, 2007, p. 31)

Assim sendo, as três obras são as mais representativas dos dois baluartes do Modernismo no Brasil: Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Os dois pensaram o país e sua nacionalidade a partir de uma ótica vanguardista, mas também profundamente nacionalista. Irreverentes e inovadores na forma e conteúdo, sublevando as normas gramaticais graças a uma inteligente crítica à linguagem empolada e erudita, herança do parnasianismo que tanto tempo influenciou o comportamento intelectual das elites e artistas do Brasil até o começo do século XX. ❖

André Caldas Cervinskis é escritor e ensaísta. Autor, entre outros livros, de *Oficinas de corpo*, *Manuel Bandeira*, *poeta até o fim* e *Ensaio de Circunstâncias*. Mora em Olinda (PE).

ARNALDO **Antunes:** poeta provocativo & PORRETA



Arnaldo Antunes (São Paulo, 1960) faz poesia de vanguarda. E tem sido discriminado por causa disto. Ama-se o roqueiro titânico. Ouve-se com bom gosto o músico tribalista. Acolhe-se uma ou outra canção do repertório solo. E odeia-se o poeta de livros impressos. Mesmo tendo publicado vários e significativos títulos de poesia, continua sendo vítima de um inconcebível mal-entendido de crítica e público. Com raras e honrosas exceções, evidentemente.

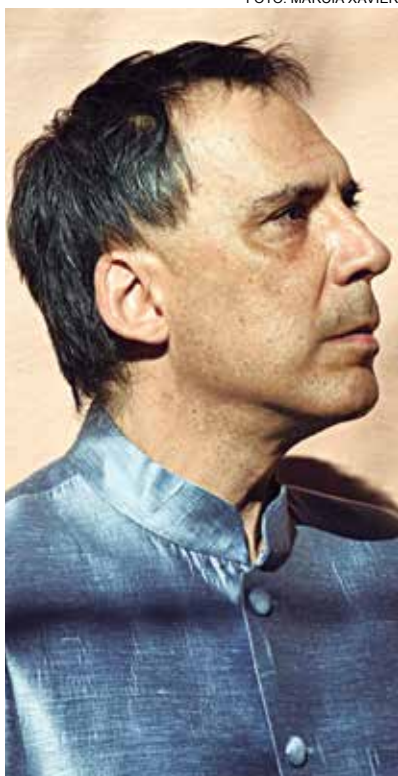
Autor de *Ou e* (1983), *Psia* (1986), *Tudos* (1991), *As coisas* (1992), *Nome* (1993), *2 ou + corpos no mesmo espaço* (1997), *Palavra desordem* (2002), *ET Eu Tu* (2003), *Frases de Tomé aos três anos* (2006), *N.D.A.* (2010), acaba de lançar *agora aqui ninguém precisa de si* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

No recente livro, constatamos que permanece a marca registrada deste inquieto artista multimídia: a palavra é a base material, fundamental e originária de todo seu processo criativo intersignífico. Mesmo valendo-se da imagem em fotos, fotomontagens, grafismos, colagens e diferentes fontes gráficas, a pa-

lavra continua sendo o núcleo de sua poética. Ele experimenta com ela em suas dimensões de som, sentido e imagem. Literalmente. Claro que sua poesia não nasce do nada. Nenhuma nasce. Ele dialoga, inteligente e vivamente, com a tradição da poesia. Brasileira e estrangeira. Vai dos antigos gregos aos pós-concretos, passando pela visualidade barroca portuguesa e brasileira.

Arnaldo nasceu no berço da Poesia Concreta. Com ela, e com Maiakóvski, assimilou bem a lição: toda vanguarda maravilha-se na fertilidade de um genial "inventalinguas": o povo. Por isto mesmo a poética arnaldina reverbera uma polifonia de vozes populares e eruditas. Ambas fervendo e frevando no mesmo caldeirão inventivo. Sem distinções de valores. Velha lição que a modernidade de Baudelaire e Mallarmé nos trouxe. E que hoje a Internet dissemina aos quatro cantos do mundo. Sem fronteiras para os variados sabores de diferentes saberes. O que era coisa para entendidos (veja-se a dedicatória do disco *Araçá azul*, de Caetano Veloso, de 1973) hoje pulveriza-se na dança das ▶

FOTO: MÁRCIA XAVIER



Arnaldo Antunes, autor de *agora aqui ninguém precisa de si* (Companhia das Letras)

› informações informatizadas. Tudo está aí, para todos.

O novo, nossa companhia diária, não mais deveria surpreender-nos tanto. Mas continua não assimilável. As facilidades ao mundo das informações não significa assimilação de novos conhecimentos. E menos ainda, mudança de comportamentos. Por isto a arte experimental continua tão necessária quanto rechaçada.

Arnaldo Antunes sabe disto. Mesmo assim corre o risco de fazer poesia impressa num mundo cada vez mais afoito e menos leitor de novidades. Um mundo que se torna a cada dia menos legível. E o leitor, um devoto da mesmice publicizada por mídias fósil-cristalizadas.

Por isto mesmo, estamos propensos – e necessitados – dos desvendamentos, da nudez e da clareza da arte.

A palavra, grande signo do homem, reitero, é a matéria concreta da poesia arnaldina.

Em *Palavra desordem* (2002), Arnaldo toma a prosa em várias modalidades. E sai-se muito bem ao trabalhá-la visualmente com grande limpeza gráfica. Ditados, máximas, citações, etc., são convertidos na linguagem concisa e sensivelmente ambígua da poesia. O livro é um imenso cartaz que se lê ludicamente, manuseando-o de vários modos. Em cada um, uma surpreendente informação.

Na experimentação com a prosa, visando chegar à poesia (ou à prosa poética), o poeta, na série “prosinhas”, de seu mais recente livro, oferece-nos 16 microtextos de questionável qualidade. E que só atrapalham a unidade do volume. Tais “prosinhas” acabam sendo uma tola investida na prosa mais simplória, ou adesão às bobagens da poesia neomarginal.

Vejam: “O argumento do



Arnaldo vale-se da imagem em fotos, fotomontagens, grafismos, colagens e diferentes fontes gráficas, mas a palavra...

desalento é que ele mata há mais tempo. / Ora, é claro que o cigarro e o carro ficaram muito bravos!”. Com exclamação e tudo, parece ser página de diário de adolescente “que se acha”. Não dá nem pra creditar pretensa ironia a esta pasmaceira. É dispensável.

Outro exemplo bastante infeliz, que atira na ironia e no trocadilho, mas não acerta nenhum dos dois tiros: “Antigamente as guerras acabavam. / O fim das guerras era comemorado com grande entusiasmo. / Agora elas apenas continuam”.

Vejamos esta observação que parece extraída de página do Facebook de adolescente: “– Tem coisas que não se começa: / briga, vício, promessa”.

Ainda bem que “prosinhas” ocupam apenas cinco páginas. E que fique bem claro: o livro, fora isto, possui grandes qualidades. Não há malabarismos nem invencionices ligadas a modismos ou manuais. O poeta sabe pôr-se bem com a palavra em todo o restante do volume.

Num dos poemas visuais, anuncia: “todo mundo / mais

simples / todo mundo / mais livre”. Eis uma das constantes: o simples, mas experienciado de um outro modo. Recuperado por uma linguagem que surpreende. Aqui, por exemplo, há um bom aproveitamento da disposição gráfica invertida na página dupla.

Outro bom exemplo está no visualmente limpo e despojado “cielo/ciclo”, em que com apenas duas palavras, mais a disposição gráfico-visual, o poema nos permite tecer a história cíclica da humanidade ao redor do céu. Uma história que remete aos primórdios da religião com seu ciclo cósmico, passa pelo céu de Galileu e chega ao céu acima de Augusto de Campos. Só pra falar de uma leitura minimamente possível.

Claramente, Arnaldo Antunes revisita a linguagem de Augusto de Campos, Edgard Braga, José Lino Grünwald, Pedro Xisto e Décio Pignatari. O resultado? Vastos e desbragados campos de prazer para o leitor.

Sim, estamos diante de uma poesia polifônica. É bom ter ouvidos apurados para perce-

› ber sua voz e silêncio. Estamos diante de uma poesia visual. É bom ter olhos livres para assimilar seus espaços e texturas. Estamos diante de uma poesia de ideias. É bom ter mente aberta para recebê-la integralmente.

O professor e músico José Miguel Wisnik, nas orelhas, pontua: “No centro deste livro de poesia, que começa no nada e termina no silêncio, estão as coisas, mesmo as mais evanescentes”. De fato o livro abre-se com o poema “nada”, que transcrevo:

*nada
com um vidro na frente
já é alguma coisa*

*nada
com um vento batendo
já é alguma coisa*

*nada
com o tempo passando
já é alguma coisa*

*mas
não é nada.*

E termina com o fotopoema “silêncio”, em que a palavra silêncio, afixada à porta, desaparece à medida que vai sendo exposto seu negativo. Apenas parcialmente Wisnik acerta. O livro não começa no nada: começa no “mas / não é nada”, versos rigorosamente de asserção e negação ao mesmo tempo. Preciosidade da língua portuguesa: duas negativas na mesma construção opõem-se e assertivam-se. Esta ambiguidade o poeta explora neste poema final, grafado, no cartaz, sem o circunflexo. A falta do acento confere à porta o caráter de coisa-sujeito de primeira pessoa. Tal como acontece no título do volume: o “si” pode ser lido enquanto pronome de primeira, segunda e/ou terceira pessoas.



...continua sendo o núcleo de sua poética. Ele experimenta com ela em suas dimensões de som, sentido e imagem

Ou, também, uma referência à sétima nota musical.

Enfim, a poesia de *agora aqui ninguém precisa de si* é um “design” em espiral. Abre e fecha com o tudo-nada. Ou nada-tudo. Espiral que se realimenta dos poemas do miolo do livro. E traz à luz o melhor da poesia experimental feita no país hoje. Inquieto, o poeta continua cutucando a palavra para desnudar novos aspectos de seu corpo sempre sedutor. Que bom que você escreve livros provocadores de nossa inteligência, sensibilidade e percepção. Agora e sempre, a poesia brasileira precisa de si, Arnaldo Antunes. ✦

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Oswaldo Picardo

Tradução de Ronaldo Cagiano

Especial para o *Correio das Artes*

Variaciones sobre una biografía de Onetti

I

Onetti recorre Memphis

Te dijeron que ahí estaba la tumba de Faulkner,
pero era en otra ciudad llamada también Memphis.

Te dijeron o lo leíste
que volaban demonios sobre una cruz blanca
en un prado verde y que habría otros nombres
como en Spoon River.

Lo leíste o te dijeron que estaba muerto
pero a vos te consta -nadie te lo contó- no había tumba.
Un artista es una criatura impulsada por demonios.

Lo leíste y en la lectura solitaria -qué otra cosa-
mezclado a un nombre egipcio y a un país raro
caminaste equivocado una mañana
buscando a otro desaparecido.

II

(la vida imita a la literatura)

Onetti nos destroza

“...nos hace llorar, nos pone tristes”
dice una boca de cereza de la University of Berkeley.

A veces, el tema tiene la belleza de una estatua griega,
tiene esa emoción que endulza
como un beso de bolero
y tiene esa mentira
que no es sino un recurso desesperado
con que puede tragarse el fondo más amargo.

A veces y entonces, un tipo dentro, un demonio
se sube a la mano que antes acariciaba
y desgarrar y viola y asesina.

Y dice:
“es así la literatura”.



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Oswaldo Picardo

Variações sobre uma biografia de Onetti

I

Onetti percorre Memphis

Disseram que aí estava a tumba de Faulkner,
mas era em outra cidade também chamada Memphis.

Disseram-te ou leste
que voavam demônios sobre uma cruz branca
em um campo verde e que havia outros nomes
como em Spoon River.

Leste ou te disseram que estava morto
mas você constatou – ninguém te contou – não havia tumba.
Um artista é uma criatura impulsionada por demônios.

Leste e na leitura solitária – como outra coisa –
misturado a um nome egípcio e a um estranho
caminhaste equivocado em uma manhã
procurando outro desaparecido.

II

(a vida imita a literatura) Onetti nos destroça

“...nos faz chorar, nos entristece”
ela, com sua boca de cereja, diz na Universidade de Bekerley.

Às vezes o assunto tem a beleza de uma estátua grega,
tem essa emoção que adoça
como um beijo de bolero
e tem essa mentira
que não é, senão, um recurso desesperado
com que se pode tolerar o amargo mais profundo.

Às vezes, e então, algo por dentro, como um demônio
toma as mãos que antes acariciava
e rasga e estupra e assassina.

E diz:
“é assim a literatura”.



OSVALDO PICARDO é professor de Literatura na Universidade Nacional de Mar del Plata, Argentina, onde nasceu e reside. É poeta, crítico, ensaísta e tradutor. Edita a revista *La Pecera* e dirige a Eudem Editora. É autor, entre outras obras, de *Apenas en el mundo* (1988), *Dejar sin ventanas la verdad* (1993), *Una complicidad que sobrevive* (2001), *Pasiones de la línea* (2008) e *21 gramos* (2014). Organizou a coletânea *Primer mapa de poesia argentina* (2000) e traduziu, com F. Scelzo e E. Moore, *The love poems*, de James Laughlin (2001).



RONALDO CAGIANO é mineiro de Cataguases e reside em São Paulo. Estreou em livro com *Palavra engajada* (poesia, 1989) e publicou, entre outros, *Concerto para arranha-céus* (contos, 2001) e *Dicionário de pequenas solidões* (contos, 2006). Com Dezembro indigesto ganhou o concurso Prêmio Brasileiro de Literatura 2001 na categoria Contos. Colabora em jornais e revistas. Organizou, entre outras, as coletâneas *Poetas mineiros em Brasília* (2004) e *Antologia do conto brasileiro* (2005).

Carlos Alberto Jales

Quando

Quando o homem houver
perdido suas máscaras

Quando os aluviões da memória
dissolverem o amor

Quando os espelhos já não refletirem
o azulado das manhãs

Quando em cada palavra
o verso aparecer despido

Quando a plenitude do silêncio povoar
o tempo e suas mansardas

Quando os mitos fugirem da terra
e ganharem a imensidão da noite

Quando o imaginário não for mais
que um anjo decaído

Quando o homem houver perdido suas máscaras,
seremos apenas um fluir de rios à procura da
iluminação dos sonhos intumescidos



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Espera

Vem de longe

Vem de longe
Uma música envelhecida

Uma música de um
tempo pretérito

Em que flores nasciam
das pedras
e as manhãs
estavam sempre nuas

Tempo pretérito de luas envidraçadas
e cintilâncias sobre o mar
e de aves enrugadas à procura do sol

Vem de longe
uma música envelhecida

E volta com as mãos estendidas
suplicando perdão por todos os delírios

O poeta vive na pré-memória.
gritos na tarde,
heras habitando os muros,
vestígios de jardim alimentando o fogo,
figuras dissipadas recriando os caminhos

Há em tudo que existe uma faísca divina,
uma saudade de pedra cruzando os caminhos,
braços procurando a vida.

E em tudo a pré-memória
esperando numa sala de visitas
pela memória que teima em não chegar



CARLOS ALBERTO JALES COSTA é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. *Vindimas da solidão* (poesia) é o mais recente.

Cris Lombardi

ILUSTRAÇÃO: TONIO

Reticências...

de repente bate uma brisa
daquelas que trazem lembranças
cheiros, presenças, letras
melodias que te nina e te adormece
que muda o teu dia
onde não existe tempo
só a força do momento
diante dos mistérios da vida
não há argumento
habita em mim o renascimento
no espaço, dois braços me abraçam
buscas, sebo, livros,
dedicatórias que mudam a minha história
me intimam a fazer história
recém chegada do presente
todo um passado ganho de presente
até um Padrinho no meio do caminho
meu caminhar não está mais só
olhares que me são familiares
constelação em conspiração
nessa busca que marca o meu encontro
com o que está vindo ao meu
depois de cantos e desencontros
desses que em prosa,
não se demora tanto, te conto
desses que imortalizam poetas
e protegem sonhos num campo de fé
que provam que reticências são três pontos,
dois deitados e um em pé



CRIS LOMBARDI nasceu no Rio de Janeiro (RJ). É poeta, advogada e diplomada em Políticas e Estratégias. Integrou a antologia *Poesia em Movimento*, da editora Delicatta (São Paulo) e foi escolhida pela editora Vivara (São Paulo) para participar de antologia publicada este ano. Publicará seu primogênito literário este ano. Mora em São Paulo (SP).

Lívio Brandão

Fuga

A poesia me atravessa e eu confesso que esse verso que eu faço avulso, avesso, alivia o afago, o fardo, a farda... O preço da opressão que sofro, o sufoco, o suplício, da opressão que vivo... O encosto, o esporro da opressão que morro. Sou morte, sou vida, sou vivo morto. Sou pele ferida, rebanho torto, perdido, partido, jogado aos loucos, cumprindo a intensa, imensa, sentença... Miséria contida no cerne, na carne, no ser que habita, que arde, e alarma a dor das sobras que há nos dejetos do horror disto que chamam de vida.

Descanso

Cansei de tantas obrigações. Não quero trabalho, não quero cansaço, não quero ser formiga! Quero canções na minha vida. Quero ser cigarra, quero que a preguiça seja amiga. Quero contemplar os lírios do campo, e não fazer nada que não seja da minha vontade, do meu encanto. Quero acompanhar as estações do ano, sentir o sagrado o profano, viver! Aliás... me desculpe os que seguem o destino, pois sou clandestino, e a vida é querer.

Tua chegada

Aos poucos pulasse o muro da morada
 Onde se escondia meu sentimento
 E como uma roda, roda o tempo
 Eu entreguei-me a tua chegada
 E quão intenso são os momentos
 Tu deixas minh'alma embriagada
 O teu amor - cortante adaga -
 Atinge o peito e me ama dentro
 Onde há espaço em mim tens tu
 Retiro as vestes, me faço nu
 Entrego a ti o meu viver
 Pois que tu és minha surpresa
 E eu que sou a tua presa
 Ser teu amado é meu querer.

Sobre se dar

Se Dar... é permitir que aconteça,
 É ir para além do que seja o somente.
 É voar loucamente no céu de incertezas
 Possibilidade que às vezes machuca a gente.
 É saber que não era,
 E acreditar
 Que podia ter sido.
 É saber que se deu,
 Mesmo quando não foi completamente correspondido.

Se dê.



Rua da areia: o beco do Carnaval das putas

Na escuridão daquele beco,
 Estava o berço do bacanal.
 E o que no beco iluminava
 Era a luz do carnaval.
 Do carnaval da putaria, da orgia e fantasia
 do bloco tradicional.
 Lá vinha o bloco das putas,
 Com seu charme e sedução,
 Esbanjando putaria
 E a plateia em atenção.
 Muitos homens rodeando, festejando com intenção
 de gastar o seu suor com um amor de ficção, ou não!
 Prazeres...
 Prazeres era seu nome
 Nome artístico, nome próprio,
 Retrato da profissão, um nome forte e simbólico,
 Que expressava intenção, tensão, tesão, intuição
 De uma vida de negócios.
 E a jogada era o seu corpo.
 Seu corpo de violão,
 No qual meus dedos dedilhavam
 quando passava as minhas mãos
 E fazia s(u)oar a beleza da mais bela natureza
 De uma linda e nova canção.
 Rua da Areia, o Beco do carnaval das putas!



Lívio Matos Brandão é estudante de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Também é músico, escritor e poeta. Atualmente dirige uma peça teatral com financiamento através do Fundo de Incentivo à Cultura do Estado da Paraíba. Considera-se um guerrilheiro cultural, militante das causas sociais e amante da poesia marginal e do slam (poesia falada). Mora em João Pessoa (PB).

PROMESSA INDECENTE

Me despi do pudor, me lancei na imoralidade, me lambuzei de suor, deixei de lado a vaidade... pus roupas intencionais, com segundas intenções, perfume de rapariga, brincos, pulseiras, cordões. Amarrei até uma fita perto do meu tornozelo, pra pagar uma promessa, um pedido de apelo, que esse ano num aconteça, nem me traga nenhum mal, pois se eu sobreviver hoje, nesta noite de carnaval, vou na missa todo dia, na sala da sacristia, beber o sangue de cristo, que pelo visto eu já bebi, na promessa do ano passado, e hoje to embriagado, prometendo o que já prometi!

Félix Di Lásccio

Leitura de cabeceira

Ao poeta André Ricardo Aguiar

Às vezes escondo
o rosto
e desfaço um sorriso.

Por trás disso
há livro.

E as palavras escritas
não se escondem!

Intruso teen

Comecei escrever
in-verso.

- Pimenta-do-reino
vê se me esquece!

Haicai de fim de aula

Na minha boca
você é masca de chiclete.

Eu mordo a sua língua
e faço um biquinho.

Dou dois amassos
e você, inocentemente,
nem imagina que já
roubei o seu batom!

Mente oculta

Culminante com o pensamento:
O cérebro humano tem a sua reserva moral.
Terminantemente,
O vazio não é um lugar omissos!

Livro na estante

Na estante um livro.
Que o rato roeu
que o Rei não leu.
E a pergunta que se faz:
Quantos livros haviam na estante?
"Se deu por conta!"
Respondeu o meu inconsciente.



Elevação da áurea

Tenho ignorado os montes,
E sobe na minha cabeça,
O desejo de altura!



FÉLIX DI LÁSCIO, natural de João Pessoa (PB), nascido em 4 de agosto de 1957, integrou o grupo Oficina Literária (1982) através do qual publicou seu único livro, *Discurso panfletário*. Tem poemas publicados em diversas antologias e, atualmente, edita o blog www.napoltrona.net, onde divulga sua produção. Tem inéditos os livros de contos *Zefinha Menina e outras histórias* e *O último cupim*. Mora em João Pessoa.

Francisco Gil Messias

O livro de um leitor



FOTO: MARCOS RUSSO



Os textos reunidos por Gil Messias em Um dedo de prosa: escritos da aldeia oscilam entre o ar da crônica e o métier do artigo

Os que escrevem regularmente para jornal sabem da natureza precíval dos seus escritos. O periodismo jornalístico exige a mutabilidade constante de sua agenda temática e seu compromisso básico é com a contemporaneidade dos assuntos e matérias atinentes ao interesse público.

Sobretudo na informação e na reportagem, talvez mais que no artigo e na crônica, este primado se estabeleça como estratégia prioritária. Talvez venha daí, em especial para os articulistas e cronistas, a necessidade de reunir, a posteriori, suas colaborações num volume que, pela durabilidade no tempo, tende a negar a logística da instantaneidade, característica dos gêneros jornalísticos.

Francisco Gil Messias, com *Um dedo de prosa: escritos da aldeia* (João Pessoa: Ideia, 2014), revela bem a consciência desse fato, pois, já na nota introdutória, “Ao leitor”, afirma: “Todo livro composto de textos já publicados em jornais ou revistas é, antes de mais nada, uma frágil tentativa do autor na busca de conferir aos escritos uma sobrevida que, de outro modo, não teriam”. E, “Este volume” – acrescenta – “não foge à regra”.

Publicados originalmente no jornal *Correio da Paraíba*, entre os anos de 2009 e 2014, os textos de Francisco Gil Messias oscilam entre o ar da crônica e o *métier* do artigo, considerados os procedimentos técnicos e estilísticos da elocução e as particularidades sensíveis que modelam o olhar e que sinalizam para sua visão de mundo.

Há, portanto, em determinadas peças, um autor mais afeito ao dispositivo conceitual, informativo, descritivo a que serve um modo de expressão, diria, mais direto, mais didático, atento, em primeira mão, ao significado pragmático das coisas e dos eventos, tão bem exemplificado, entre outros, em títulos como: “Sobre diários e cartas”, “Gilberto Freyre inesgotável”, “Stefan Zweig”, “Lêdo Ivo”, “Amor aos livros” e “O fim das palavras”.

De outra parte e em outros momentos da escrita, surge um autor mais conectado com o poder de sugestão da linguagem, ▶

na medida mesmo em que esta linguagem como que se liga ao ritmo mais expressivo da frase e, por assim dizer, a uma percepção mais fluida, diria mesmo, mais poética, dos motivos e temas focados. É aqui, quero crer, onde aparece a marca do cronista, precisamente porque parece presidir o arranjo das palavras uma tonalidade lírica a envolver suas camadas semânticas e sintáticas no plano singular da melodia e do imaginário estéticos. Em “Os caminhos refeitos de Crispim”, espécie de crônica da crônica no seu exercício metalinguístico, fala mais o cronista do que o articulista, quando constata que a cidade da infância do autor de “As artes da paixão” “já não existia e que o escritor reconstruiu amorosamente, passo a passo, rua a rua, de Tambiá a Tambaú”. E mais: “E o fez com proustiana lembrança, para eternizá-la intacta, suspensa no ar pela palavra, tal como Manuel Bandeira fez com o seu quarto, no poema ‘Última canção do beco’”.

Em outra chave classificatória, é possível identificar, em *Um dedo de prosa*, um autor que lê e um leitor que pensa. Habita, deste modo, as tantas páginas da coletânea, sobretudo um leitor à moda antiga: apaixonado, silencioso, persistente, diversificado, culto e de refinado gosto. Às vezes, quase um bibliófilo, sedento e à caça de volumes raros, principalmente dos livros sobre livros, numa demonstração de apreço e amor a essa invenção material, porém, em certos aspectos, inefável, inegavelmente insubstituível.

No âmbito da leitura, setor no qual se vislumbra o caráter pedagógico e cognitivo da obra, destaca-se a presença dos autores literários a comporem a riqueza e a densidade de um perfil de leitor especial que, em sua vivência íntima, no espaço mágico de sua biblioteca particular e na aventura de ler e reler,

**Francisco Gil Messias
é também poeta,
autor de dois livros:
*Olhares: poemas
bissexto e Na medida
do possível: poemas
da aldeia. Atua, assim,
nas duas esferas do
processo sensível e
intelectual, isto é, no
polo da criação e no
polo da recepção.***

firma os alicerces de seu mundo imaginário, a sua razão diária de delírio, sonho e devaneio. Convivem com este leitor tantos outros, a exemplo de Alceu, Machado, Nabuco, Drummond, Zé Lins, Camus, Graciliano, Gullar, Villaça, Pound e tantos mais que ilustram o variado rol de suas afinidades eletivas.

No campo do pensamento, este leitor assume, aqui e ali, dependendo dos elementos textuais, o tom mais reflexivo, cristalizado numa escrita que, mesclando traços do artigo puro, sobremaneira naquilo que ele possui de informativo, e da leveza da crônica, principalmente naquilo que ela possui de descontração e coloquialidade, tende a culminar na liberdade estilística e composicional do ensaio. Do ensaio à moda inglesa, mas cuja origem modelar reside nas elucubrações filosóficas de Michel de Montaigne. A propósito, é discorrendo acerca da atualidade do mestre francês que Francisco Gil Messias descortina a sutileza e a possi-

bilidade do ensaísta que é, ao concluir seu texto com estas palavras: “Ele não pretende nos ensinar a viver, mas, nos revelando como vivemos, faz com que queiramos viver melhor”.

Reflexões sobre o cotidiano, questões políticas, fatos históricos, episódios avulsos, personalidades e tipos também contam na perspectiva do autor, na geografia despretenhiosa e sugestiva da obra que escreveu e organizou. Todavia, a parte substantiva do volume se prende ao mundo dos livros, àquilo que toca mais diretamente à planilha cultural e artística enquanto epicentro vivo que move a sensibilidade e a imaginação do leitor.

Francisco Gil Messias é também poeta, autor de dois livros: *Olhares: poemas bissexto e Na medida do possível: poemas da aldeia. Atua, assim, nas duas esferas do processo sensível e intelectual, isto é, no polo da criação e no polo da recepção.* A literatura, ousa afirmar, é a sua Pasárgada, em que lhe pesem a aridez e o rigor de uma formação jurídica talhada na frequência de alfarábios nem sempre digeríveis. Formação esta que, embora posta em prática no ofício diuturno dos rituais burocráticos, nunca o afastou da beleza que a palavra literária oferta a quem a procura como alimento espiritual, como reserva lúdica e experiência vicária da vida.

Lendo seu livro, comungo do seu próprio prazer e faço minhas as palavras de Charles Nodier, escritor francês do século XIX, citadas pelo próprio Francisco Gil Messias, à página 170: “Depois do prazer de possuir livros, não há quase nenhum mais doce do que falar deles”. Por isto vejo em *Um dedo de prosa* um livro de leitor. ✱

Hildeberto Barbosa Filho
é poeta, crítico de literatura e
professor da Universidade Federal da
Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Linaldo

e as indagações sobre

A FENOMENOLOGIA LITERÁRIA

Sérgio de Castro Pinto
Especial para o *Correio das Artes*

FOTO: EVANDRO PEREIRA



Linaldo publicou *Receitas de como se tornar um bom escritor* pela Chiado Editora, de Portugal

Interagir com o leitor deve ser a palavra de ordem de todos os que atuam no jornalismo cultural. Para tanto, convém despír a linguagem de pernosticismos ou de firulas estéreis, contraproducentes, que dificultem a compreensão do receptor. Em outras palavras, nada de turvar as águas para parecer profundo, como muitos o fazem, sobretudo os que se entregam à elaboração de dissertações de mestrado ou de teses de doutoramento. Enfim, convém ser simples sem ser simplório, epidérmico, superficial. E escrever com o firme propósito de conquistar leitores.

Os textos reunidos no livro *Receitas de como se tornar um bom escritor*, da Chiado Editora, Portugal, corroboram o didatismo de Linaldo Guedes, o seu desejo de se fazer ouvir pelos neófitos da literatura.

Quanto ao título da obra, embora à primeira vista possa parecer cabotino, essa impressão logo se dissipará, pois, longe de assumir um tom professoral, o autor aponta a lei do menor esforço de todos quantos, muito mais do que à literatura, prezam o carreirismo literário. E isto a começar pelos que supervalorizam “prêmios” cujo ato de inscrição exige uma contrapartida em dinheiro por parte dos concorrentes*. Ou pelos que, mal saídos dos cueiros, valem-se do princípio segundo o qual “tudo acontece para terminar em livro” para publicarem, equivocadamente, os seus poemas toscos, mal-alinhavados, catadupa de efusões sentimentais divorciadas da linguagem, esta, sim, pedra de toque de todo poema ou obra de ficção que se preze.

Mas Linaldo não se propõe tão só a revelar receitas literalmente cumpridas por aqueles que, no plano do carreirismo literário, parecem seguir à risca uma es-

pécie de teoria do medalhão. Na verdade, os seus questionamentos são bem mais amplos, bem mais abrangentes, na medida em que se atêm a temas cuja complexidade finda por extrapolar os limites dos artigos para suscitar uma série de indagações sobre a fenomenologia literária, a propósito da interação eu lírico/ leitor, narrador/ leitor, etc. Quer dizer, textos como “Os poetas não leem os poetas?”, “E o leitor, como é que fica?”, já mesmo por debaterem assuntos polêmicos, controversos, acirram e instigam o leitor a chegar às suas próprias conclusões, uma vez que mais indagam, mais questionam, do que afirmam. Enfim, são textos cuja abertura reivindica uma participação ativa e efetiva do receptor. Ou, como ele próprio o diz, o objetivo maior desse livro consiste em “(...) provocar o debate sobre como se faz e se produz a literatura nos tempos de hoje, com o advento de novas tecnologias, a exemplo de blogues, redes virtuais e sites”.

Em outros textos, porém, Linaldo aparece de corpo inteiro, mostra-se mais incisivo, mais peremptório, mais afirmativo, visto que expõe ideias cujo grau de amadurecimento decorre das muitas leituras que fez de Augusto dos Anjos, João Cabral, Ariano Suassuna, Padre Vieira, etc.

Linaldo Guedes pertence a uma família de jornalistas, destacando-se, entre os seus irmãos, o comentarista político Nonato Guedes, cujo texto ágil, conciso, perspicaz, marcou e ainda marca época na imprensa paraibana. Linaldo, porém, desde cedo optou pela literatura, pelo jornalismo cultural e, posteriormente, também pela poesia, gênero em que já publicou *Os zumbis também escutam blues e outros poemas*, *Intervalo lírico* e *Metáforas para um duelo no sertão*, este último uma prova incontestada de que a sua lírica cumpre um percurso francamente ascensional. ▀

** Esta conclusão é minha, pois, ingenuamente, ou movidos pelo desejo de aparecer em concursos carentes de qualquer critério, candidatos a poetas pagam para sair em “antologias” que reúnem a nata da mediocridade.*

Sérgio de Castro Pinto é poeta e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Lançou *A flor do gol* entre outras obras poéticas. Mora em João Pessoa (PB)



O TIGRE NA SOMBRA

José Mário da Silva

Especial para o *Correio das Artes*

Depois de ficar afastada seis anos do gênero literário que a consagrou na literatura brasileira, por meio de obras notáveis como *Reunião de Família*, *Quarto Fechado*, *As Parceiras*, dentre outras narrativas igualmente qualificadas, Lya Luft assinala o seu reencontro com o romance; e o faz de maneira extraordinária, pondo em cena um romance altamente bem escrito, terrivelmente perturbador, chamado *O tigre na sombra*, cartografia ficcional tão poética quanto impiedosa daquela que se constitui num obsessivo e recorrente temário da envolvente ficção engendrada por Lya Luft: a família. A família, com os seus encantos e desajustes; possibilidades relacionais plenificadoras e emparedamentos amargurantes; silêncios e ruídos; imperiosa necessidade de convivência com o outro, e o inevitável mergulho no misterioso e abismal universo da complexa interioridade humana. Lugar do estar junto e da solidão; do afeto e do atrito.

É exatamente sobre o microcosmo das conflituosas relações familiares que a admirável escritora gaúcha foca a sua atenta percepção, a sua refinada sensibilidade para captar, por dentro, os enigmas e os dilemas que permeiam uma irrespondível indagação chamada ser humano. *O tigre na sombra* ratifica o postulado defendido pelo cronista Rubem Braga acerca daquilo que se configura na essência do artista literário: atingir, “com o mínimo de ele- ▶

"A literatura diz o que no homem é o que nele ainda não é; ela não nomeia somente a sua presença, mas também, e ainda, e, sobretudo, o que nele é ausência a si mesmo, imprecisão, distância, incompletude".

mentos, o máximo de matizes". Eis a lição preconizada pelo gênio da crônica brasileira, no minimalista texto intitulado "O pavão". É no limite entre o mínimo do dito e o máximo do dizer, que se move a engenharia linguística densamente meditativa urdida por Lya Luft, que nos envolve, desaloja-nos de nós mesmos e faz-nos caminhar, diria o grande poeta paraibano José Antonio Assunção, "em busca do outro em que nos encarceramos".

Magistralmente compostas e riquíssimas na vida interior exibida, cada personagem presente em *O tigre na sombra* é um desafiante e reflexivo tesouro existencial. Dália é a flor esmagada por um amor materno doentio e que espalha a morte emocional por onde passa. Dôda, Dolores de batismo, irmã de Dália, é a menina que exhibe um defeito na perna; que vive transida entre o real asfíxiante e o imaginário que a põe em contato com outros mundos possíveis. O do tigre de olhos azuis, que a espia no fundo do quintal; o dos afogados que, nas noites brumosas, a convidam para um diálogo libertador; o do universo do duplo, signo instaurado pelo espelho que faz Dôda ter a sua identidade ampliada para horizontes mais transcendentos e menos opressivos.

Dôda põe em cena a difícil temática da diferença nas interações humanas; e de como ela pode ser um caminho real para o complexo itinerário de convivência com a alteridade. O pai de Dália e de Dôda é uma personagem vencida pelo meio estreito em que vive. É o retrato acabado e dolorido de quem faz da conciliação a qualquer preço, a senha própria de quem, não tendo coragem para enfrentar as rotas desviantes da vida, finda tornando-se num vencido pela vida. A Mãe de Dália e de Dôda é a mãe polvo, que se julga a dona absoluta de

todos os destinos. Vovinha é a cristalização de uma sabedoria singular, capaz de conviver com os índices de sublimidade e de sordidez, de que se compõe a existência, notadamente a se delinea no âmbito de sua família. É uma terna pílula de sanidade num organismo minado em todas as suas dimensões constitutivas.

No belo ensaio *Literatura e Humanismo*, de autoria do crítico português Eduardo Prado Coelho, aprendemos que "a literatura não é apenas (não pode ser) expressão do homem, afirmação iluminada e tranquila dum homem triunfante. A literatura diz o que no homem é o que nele ainda não é; ela não nomeia somente a sua presença, mas também, e ainda, e, sobretudo, o que nele é ausência a si mesmo, imprecisão, distância, incompletude".

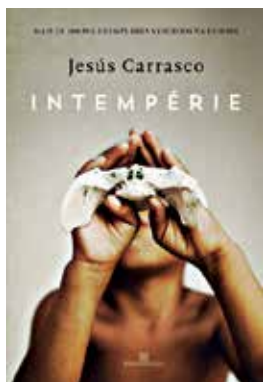
As abalizadas palavras do criador de *O Reino Flutuante* ajustam-se à maravilha ao incômodo e fascinante romance de Lya Luft. Romance que, terminada a leitura, permanece em nós com o desconfortável sabor de um fruto amargo, do qual, por mais que tentemos, não conseguimos nos desvencilhar.

Em *O tigre na sombra*, título por demais emblemático, Lya Luft incursiona pelas zonas mais obscuras da realidade humana. Como diria Eduardo Portella, Lya Luft é, sobretudo, uma produtora de linguagem. Linguagem que, convincente, a ancora no porto de uma literatura ficcional da mais alta qualidade. ✦

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em Campina Grande (PB)

Um paraíso N O M A R da vulgaridade literária

Lourenço Cazarré
Especial para o *Correio das Artes*



Capa da edição brasileira de *Intempérie* (Bertrand Brasil)

Entre as muitas qualidades de *Intempérie* (Bertrand Brasil, tradução de Luís Carlos Cabral, 181 páginas), de Jesús Carrasco, destaca-se aquela que Tchecov considerava ser a mais importante em uma obra literária: a concisão.

Essa novela de 181 páginas pode ser lida em cinco ou seis horas, em uma ou duas imersões, porque o certo é que a maioria dos leitores terá dificuldade para interromper a leitura.

Concisa e cativante, *Intempérie* conta a história de um garoto perseguido. Não se sabe bem por que motivo e nem se saberá com clareza até o final trágico, impactante, violentíssimo. Essa interrogação será importante para amarrar a peregrina atenção do leitor atual, para mantê-lo em suspense.

No começo encontramos o garoto em um buraco que cavou para esconder-se e no qual se encaixa como um feto no ventre de uma mulher. Escuta cada vez mais próximos os passos e as vozes dos que o procuram, dos que o perseguem.

Já nas primeiras linhas o leitor sente-se muito próximo do menino, sufoca na cova apertada junto com ele, angustia-se. Dali em diante passará a ser guiado pelos olhos do pequeno.

O garoto deixa o buraco e começa a caminhar por um cenário de pesadelo - desmedida planície árida devastada pela seca - que não lhe proporciona esconderijos onde possa se furtrar aos olhos que o perseguem.

Encontra um pastor que vive com suas poucas cabras, um cachorro e um burro. Ao acolher o menino que tenta roubar-lhe o embornal, o velho magro e silencioso também se torna alvo da perseguição.

Quase não há diálogos. Menino e velho falam o mínimo indispensável. São como animais que passam a maior parte do tempo procurando por água e comida, escondendo-se do sol abrasador e dos perseguidores na meseta desértica.

Não há uma época definida. O que existe de menos arcaico é uma moto com *sidecar* (dispositivo de uma só roda, no qual uma pessoa é transportada).

Também a terra onde se passa a história não tem nome, mas pode-se imaginar que aquela meseta desértica é a mesma que assistiu a passagem do Cavaleiro da Triste Figura.

A narrativa é seca como a terra e a vegetação, e queima como o sol de um céu sem nuvens.

A narrativa é seca como a terra: quase não há vírgulas no livro. As frases curtas reproduzem os movimentos do menino, seus te-



Jesús Carrasco Jaramillo,
autor da novela *Intempérie*

more, suas dores e, só muito raramente, seus pensamentos.

Não há mulheres no drama. Só existe uma vaga referência a uma mãe remota. E umas poucas lembranças do pai, mais precisamente do cinto do pai. Os personagens são poucos: o menino, o pastor, o aleijado, o aguazil e seus asseclas.

Onipresente é a violência. Ou, melhor, a sombra dela que paira, pesada e soturna, sobre cada cena descrita.

Mesmo sendo o texto concreto, duro, não se trata de uma obra realista. Talvez Carrasco queira nos dizer, de modo cifrado, alguma coisa, mas, elegante, não faz proselitismo. O que esse espanhol de 43 anos, natural de Badajoz, escreveu está mais para pesadelo do que para uma história dessas com, digamos, mensagem, embora ele se refira, pouco antes do incêndio purificador, aos gritos "de coroinhas, órfãos e enjeitados".

O livro vem sendo bem acolhido por onde é lançado. Obteve sucesso notável já ao ser apresentado na Espanha, onde ganhou importantes prêmios literários. Depois chegou a outras nações europeias, que o saudaram como obra realmente diferenciada. Resumindo, é um livro forte e bruto que, como afirmou um crítico italiano, talvez possa ser visto como uma ilha paradisíaca em meio ao vasto mar da vulgaridade literária que, hoje, ameaça nos engolir. ■

Lourenço Cazarré, jornalista e escritor, é autor de *Estava nascendo o dia em que conheceriam o mar* (Saraiva). Mora em Porto Alegre (RS)

Garrincha

como jogador e

COMO PERSONAGEM



O tal de Manoel Francisco dos Santos, brasileiro autêntico, original e marcado pela genialidade no que fazia nada mais era (e sempre será) do que Garrincha, um dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos. Um cara singular até na descendência, pois que era neto de índios Fulniô, que habitavam as regiões das Alagoas em tempos agora remotos. Como se sabe, índio é ingovernável por brancos os quais mesmo tendo invadido seus espaços, tentando tomar suas terras, se expandiram na empreitada “civilizatória”, ousando atentar também sobre suas brincadeiras de vida, na tentativa de roubar suas bolas, que isso Garrincha não permitiu. Em reação, chamou todos de “Manés” e

impôs ao mundo uma maneira lúdica de jogar com os pés e umas bolas de futebol. Fez desse mister sua vida e sua obra, tornando-se um dos brasileiros mais amados pelo seu povo. Claro que não poderia deixar de se tornar, também, assim, personagem da literatura brasileira, essa arte que junto com o futebol, tece o amálgama mais profundo do jeito de ser e de operar da alma nacional. Literatura e futebol, pois, é o tema de nossa coluna no *Correio das Artes*, e é com imenso orgulho que trago aos nossos leitores uma análise que fiz de um conto literário em que Garrincha é ao mesmo tempo mote, vida, morte e saudade. Acompanhem, portanto...

FOTO: INTERNET



Manuel dos Santos (à esq.), o Garrincha (1933-1983), foi um dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos. Seus dribles desconcertavam qualquer zagueiro

‘“A ÚLTIMA PELADA DE MANÉ”, UM CONTO DE DOMINGOS PELLEGRINI

Pois bem! Essa história é uma excelente narrativa ficcional que destaca, em tom rapsódico, a figura de um personagem ao mesmo tempo histórico e mítico do futebol brasileiro: Manoel Francisco dos Santos, Garrincha, o jogador bicampeão do mundo pelo Brasil em 1962 e estrela maior do Botafogo do Rio de Janeiro pelos anos seguidos da década de 1960. Com uma prosa brincalhona (risonha até), mas extremamente segura e adequada aos seus propósitos, que é contar os últimos ditos e feitos de um emblemático herói nacional - aquele a quem o povo consagrou país afora pela sua magnanimidade artística com a bola nos pés -, o inventivo narrador criado por Domingos Pellegrini brinda aqui o leitor com uma estória curta cujo apelo estético é seu próprio personagem central.

Isso fica patente desde o início da história quando esse ídolo do povo brasileiro - misto de herói e anti-herói - é apresentado ao leitor assim meio que humanizado por baixo, a despeito de sua permanência por cima, no panteão honorífico dos gigantes do futebol brasileiro: “Ele já estava no finzinho, inchado de pinga e um olhar assim abobado, não tinha mais aquele olhar moleque do Mané Garrincha, era só mais um mané da vida; quem não conhecesse, podia até pensar que era um pintor de paredes, desses que mamam um litro de mé por lata de tinta, ou podia ser mais uma vagabundo desses que aposentam cedo, criando barriga antes de cabelo branco - mas quem não conhecia Mané, principalmente de bermudas?”.

Como a proposta geral do con-

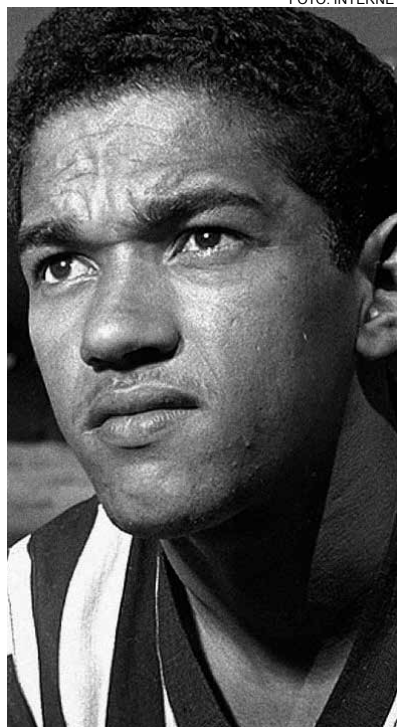


FOTO: INTERNET

Garrincha morreu pobre, aniquilado pelo alcoolismo, mas sua história não foi esquecida

to, como já foi dito, é narrar os últimos ditos e feitos desse herói - e como se trata de um personagem cuja face heroica está sempre presente no imaginário afetivo nacional, por isso ser necessário uma constante revivificação desse mito -, o narrador continua sua história apresentando as circunstâncias de sua inesperada reaparição no espaço público. Esse fato serve de mote para a condução de uma comovente história em que a memória ainda presente (viva na figura atuante do próprio Mané Garrincha, pelo menos do ponto de vista diegético da narrativa) aos poucos vai se transformando, através do vigor crescentemente forte da transfiguração literária, em uma lembrança dolorosa, ironicamente melancólica, confusa mesmo no seu misto de alegria e tristeza constituintes.

“Quando ele apareceu na rua, alguém olhou a cara, viu as per-

nas e apontou, olha o Mané, e pronto, ele foi andando cercado de gente dando abraço e tapa nas costas, criançada pulando em volta depois de pegar, beliscar ou cutucar as pernas que entortaram tanto gringo e muito fizeram pelo futebol e pela alegria do Brasil, como ia repetindo atrás dele um bebum”.

Depois de circunstanciados o personagem e seu espaço, a narrativa segue acompanhando Mané Garrincha pelas ruas, sutil e sorrateiramente impregnando nele os efeitos deste espaço e, principalmente, os efeitos do tempo, porque uma de suas metas, hábil e repetidamente sugerida ao longo do texto, é lembrar que o tempo passa, inexorável, mesmo para os heróis de forja imortal. Pois é esse paradoxo da trajetória existencial humana que o seu autor que mostrar servindo-se literariamente da figura paradigmática de Garrincha.

“Mané sorria, e piscava, em zigue-zague, empurrado para lá e para cá pela meninada, mãos ralhando, homens lhe esfregando mão calosa na nuca, moças beijando e depois soprando para as outras que, nossa, ele parecia dopado! Estava era entupido até a tampa de remédio para o fígado, remédio contra o álcool, remédio para isso, remédio para aquilo, era um tanque de drogas ambulante e naquela horinha solto feito passarinho em Pau Grande, queria mais era tomar umas e rumou para a esquina onde sempre existiu um bar.

(...)

- Ué, cadê o boteco daqui?!

O tempo comeu, Mané, brincou alguém, e ele disse é, o tempo come mesmo, continuou andando empurrado, chacoalhado, apertado, beijado, de vez em quando alguém até lhe beijava a mão, e ele dizia como sempre ih, deixa disso:

- Futebol eu joguei foi com o pé...”

◆ jogada de letras

FOTO: ARQUIVO AGÊNCIA ESTADO

► É dessa sua habilidade com os pés, com efeito, que o escritor Domingos Pellegrini constrói o motivo estrutural da sua narrativa, pois é com os pés que seu personagem entra para a história (com “h” maiúsculo ou minúsculo) e dela se retira, como se verá no final. Antes, porém, enquanto essa história do Mané avança em seu andamento de típica rapsódia futebolística, se é permitido o uso do termo aqui, onde não falta ao herói o culto quase religioso, como o de um tal Professor Pó, (“chamado assim só por gostar de velharia, livro velho, tralha velha” etc., que conhecia tudo da vida dele, “Tintim por tintim, Mané, desde cada gol até o teu cocô!”); a admiração quase sagrada (“os meninos olhavam as pernas de Mané, os pés em chinelos, os dedos, quantos dribles teriam dado aqueles pés, quantos passes de trivela com o efeito daqueles dedos, como podiam ter varizes assim pernas bicampeãs do mundo?); o elogio por seus feitos em campo (“o drible de entortar, os cruzamentos na cabeça do centro-avante, os gols decisivos nas copas do mundo, a maior estrela do Botafogo, o maior ponta-direita de todos os tempos, o homem que ganhou a copa depois que os portugueses quebraram o Pelé, o único jogador do mundo que fazia o povo rir enquanto fazia ou armava gol”), por exemplo. Antes, porém, dessa história terminar, se dizia aqui, é preciso salientar as suas qualidades de composição literária voltada ao futebol.

Ressaltemos, a título de exemplo – e não o faremos mais por falta de espaço – a exploração sintática que o narrador faz do uso dos diálogos, o que dá efeito coloquial à frase. Aliás, o coloquialismo é neste conto um recurso matreiro e bastante eficaz do narrador para mimetizar em palavras a figura muito popular de Garrincha; para captar-lhe, por exemplo, a sua ginga e malandra-



Garrincha foi um dos principais jogadores das conquistas da Copa do Mundo de 1958 e, principalmente, da Copa do Mundo de 1962 (foto)

gem de jogador formado nas pedradas de rua. Exemplos dos dois recursos:

“(…) os capitães gritavam instrução, marca lá, lança aqui, olha o ladrão, todos de repente encantados pelo futebol, olhando tão parados que o fotógrafo podia ter tirado grandes fotos...”;

“Ih, falou Mané, homem fungando no meu cangote, e agachou-se como se fosse amarrar a chuteira, descalço porém, só para pedir a bola com o dedo, indicando onde deviam lançar o passe. Levantou-se já se jogando ligeiro para a frente, o moleção vacilou, mas correu pulando num carrinho quando a bola chegava ao pé de Mané que só tocou a bola e tirou o pé, o moleção se ralou no pó da rua. Mané deu outro toque, ameaçou levantar a bola e chutou rasteiro com o lado do pé, gol, aplausos e risos, era Mané Garrincha”.

Os diálogos intercalados dentro das frases sem que se suspenda as funções precípuas dos termos da oração no uso requerido, figuram perfeitamente, em nível formal, a conversa de rua e transfiguram, no seu registro literário, a sua dimensão lúdica e humana, demasiado humana. Além de servir de pretexto, agora em nível de conteúdo, para a repre-

sentação competente de dois dos traços característicos do jogo de futebol praticado em terras brasileiras: o *ethos* da malandragem, usado como recurso legítimo das estratégias de jogo (exemplo acima) e, paralela a isso, a seriedade (huizinga) com que é encarada a expressão lúdica na condução do nosso futebol (exemplo abaixo):

“O primeiro gol saiu duma jogada bonita, no bar aplaudiram, aí cada moleque passou a jogar como se estivesse de chuteira, sérios como pequenos homens disputando cada lance, os cabelos respingando, dividindo bola, esquecidos de que estavam descalços, às vezes algum gemia de dor”.

Dito isto, vamos ao final da história. E não apenas porque precisamos terminar este resumo de leitura. É porque o final desta história encerra estrutural e teleologicamente o seu fim. Assim mesmo, no duplo sentido da finalidade das coisas. Pois que é aí onde textualmente encontra-

◆ jogada de letras

FOTO: INTERNET

► -se concentrado todo o sentido último desta narrativa: o propriamente literário, revelado pelo correto domínio por parte do seu autor dos elementos de significação, intensidade e tensão, necessário à boa confecção de uma estória curta, e o significado humano daí resultante, que serve para nos enriquecer de uma maior compreensão da realidade objetiva ou imaginária que neste mundo nos torna homens.

“- Entra aqui, Mané, no ataque!”

Ao fim, o narrador nos conta que Mané Garrincha não resistiu e entrou nessa pelada dos meninos em Pau Grande, sua cidade natal. Conta-nos também de “quando Mané recebeu a terceira bola e um carrinho que pegou os dois pés e o derrubou, o quadril batendo forte com o peso da barriga”. Conta que “o professor viu então que Mané envelheceu de repente, se contorcendo e segurando os pés, as mesmas rugas do riso, virando as rugas da dor”.

E conta ainda que um homem qualquer, presente ali, deu um pescoção no moleque, que tinha diminuído encolhido ali; mas Mané abriu os olhos e disse “não, não, é criança, é criança”.

Conta por fim, fim mesmo, que



Mané saiu do jogo...

“Tudo é Deus, disse Mané. Vai para onde, perguntou o professor; e Mané só disse vou, vou, vou indo. Machucou? – perguntou uma mulher, e ele disse é,

Garrincha e Pelé. Para muitos torcedores, a coroa de rei deveria ser colocada na cabeça do “Anjo de Pernas Tortas”

PARA SABER MAIS



Domingos Pellegrini nasceu em Londrina (PR), em 23 de julho de 1949. É jornalista e escritor. Entre as suas obras destacam-se *Terra Vermelha*, que conta a história da colonização do Paraná, *O Caso da Chácara Chão* e *O Homem Vermelho*, sendo que por estas duas últimas obras – um romance e um livro de contos, pela ordem – o autor foi premiado com o Prêmio Jabuti de Literatura, oferecido pela Câmara Brasileira do Livro nos anos de 2001 e 1977, respectivamente.

Atualmente vive na sua cidade natal, Londrina, onde estudou Letras. É autor de contos, poesias e romances, entre os quais devem ser registrados, além dos títulos já citados: *Questão de Honra* (1999) e *O Mestre e o Herói* (2006). O conto de futebol, “A última pelada de Mané”, está publicado na coletânea *11 Histórias de Futebol*, reunião de contos integrante da Coleção Prosa Presente, da Editora Nova Alexandria, de São Paulo, que saiu em 2006.

mas o time venceu, né, e continuou sorrindo e mancando pela rua. O professor foi atrás, insistiu, estava indo para onde? Chega, disse Mané, estou indo, e continuou sorrindo; e só bem depois, quando de repente Mané voltou a aparecer nos noticiários, todos dizendo como ele era bom, era o melhor, só então o professor soube para onde ele estava indo.”

Edônio Alves é jornalista, poeta e professor de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

VOU POR AÍ **Uma** **cartografia** do estético

FOTO: DIVULGAÇÃO



Capa do livro de estreia em crônica, de Hildeberto Barbosa Filho

Elizabeth Figueiredo A. Marinheiro
Especial para o *Correio das Artes*

Estou diante de uma obra que é análise, poesia, flagrante, ensaio, testemunho, saudade, riso, lágrima e até miniconto. Um rapsodo do dia-a-dia! Conversa descomprometida de um Literapeuta. Saboreia e saporiza as palavras com o gosto da alegria e a dor do ôntico.

Fluxo misterioso de Cronos com a percepção do acaso e das variações imprevisíveis. Suspiro da frase, corte no estilo! Narrativa transgressora da objetividade informativa. Fria ou quente batuca num coração, escamoteando-o com ironia, protesto ou paixão!

O bar, a academia, a sala de aula, um bom-dia, as janelas da cidade, um bilhete, enfim colóquios e solilóquios recusando batismos sociais.

Pessoalmente, não adoto conceitos de

Crônica; oscilando entre a reportagem, o editorial, o comentário e outras escritas, ela poderá transformar o assunto em nenhum assunto...

Poderia, por neurose citacional, emitir milhares de conceitos de Crônica (lembrando que Arte recusa o termo "definir..."): de Bandeira, passando por Eduardo Portella e indo até Octavio Paz. Não.

Ao me convidar para apresentar seu mais recente livro, Hildeberto Barbosa Filho deixou-me atônita: primeiro porque ele é um escritor que nada tem de provinciano, ou seja, é conhecido e estudado nacionalmente. E também porque as apresentações estão caindo em desuso no Sudeste brasileiro.

Então, resolvi sair pelaí... >

► Vou por aí não a fim de acompanhar Marco Polo e Kubai Khan (1) e sim me aproximar do “olhar prismático” de Hildeberto, concebendo as tensões das cidades, o traçado das ruas, o contraditório mapa do existir humano.

É chão, é chão, é chão “mas irei saboreando a paisagem e apreciando o topônimo das pequenas cidades longe do mundo” (*Vou por aí*, p. 164)

Vou por aí para sentir o “pulmão das praças” (p. 43); fotografar “os costados da Borborema” (p. 45); sentir o cheiro da rabada e a lucidez delirante do povo, com sua sabedoria ancestral e viva nos mercados públicos de Recife” (p. 100).

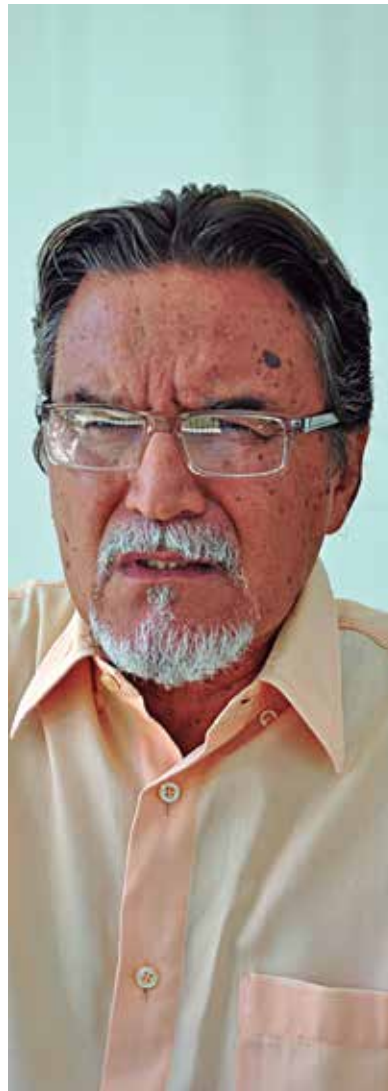
Vou por aí, pois quero ver Evaldo Gonçalves tocar sino em Sumé; os lajedos desolados de Cabaceiras, de Juarez Farias (p. 152); a denúncia dos “sabores e cheiros de uma Philipéia periférica, que vai do Baixo Roger aos becós e vielas de Cruz das Armas” (p. 132), conforme canta Políbio Alves.

Só não desejo aparecer no “Bar do Baiano”, mesmo “afinado pelos nutrientes da boemia e do amor” (p. 155). Prefiro ir com Ariano “ao encontro das ranhuras castanhas das pedras de Taperoá” (p. 133) ou acompanhar este Poeta/Crítico em suas sonatas à Aroeiras, terra natal, comarca pétrea “onde tantas coisas pereceram e donde brotam os cardeiros ásperos e agudos de tanta saudade” (p. 152).

Acolho esta obra reveladora de que “De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta-e-sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas” (2)

Hildeberto Barbosa Filho responde muitas questões: responde que “o rezador Joaquim Cosme” cura tudo... Cura aquele “tipo que só se reconhece por trás do birô, como presidente, diretor, conselheiro, secretário e outros assentamentos institucionais que lhe deem a ilusão de alguma solidez e estabilidade sociais” (pp. 147-48).

Cura a inveja daquele cujo “alter-ego antagônico e parado-



Em *Vou por aí*, Hildeberto Barbosa Filho reúne textos de sua coluna dominical “Letra Lúdica”, do jornal A União

xal, procura fisgar sobretudo o avesso, as lacunas e as ranhuras dos meus pobres escritos, num método pedagógico e crítico que beira o ódio e o sarcasmo” (p. 97). (Céus! Hildeberto dizer que sua obra são “pobres escritos” é mais que humor-negro!).

Talvez possa curar os possuidores da “fama” que ignoram a resposta de *Bilac*, quando o chamaram imortal: “Imortal, porque não tenho onde cair morto”. Isto sem “considerarmos a taxa de vaidade que nutre o ego das inúmeras personalidades que rondam, como abutres sequiosos e famintos, o Jardim de Acaemos” (p. 68).

Sigo com o narrador hildebertiano para colher novos conceitos de *Crítica Literária*: a dificuldade dos títulos; a sensação

de que o texto “poderia ser bem melhor” (p. 66); relembrar que “ser professor não é ter vida boa”, pois professor é quem “vivendo a experiência multifária do cotidiano, está sempre pensando” e mais: “Para o professor, o sono nem sempre é repouso! É o sonho de transformar o mundo, transformando as pessoas”. Ser professor “É trabalho e prazer numa poética simbiose a que a lógica sedutora da mais-valia não alcança. Por isto, capitalista não gosta de professor” (p. 136).

Ao interpretar vários Autores e Boêmios paraibanos, Hildeberto oferece um Atlas das cidades, pessoas, Escritores mundiais, obtendo como resultante a perfeita comunhão entre *poesia*, *artigo* e *metacrítica*.

Tem-se um território sem fronteiras, no qual a *memória afetiva* e a *memória literária* marcam seu ponto, não só desvelando a atemporalidade do tempo, mas sobretudo, neutralizando o aparente *eu* autobiográfico, o qual se perde no embaralhamento dos recursos genológicos e estilísticos.

A força da ironia e a independência dos significados falam ícones urbanos e ícones humanos na exata medida de quem sabe que “escrever não é fácil” (p. 66) e de quem tem a segurança de que a Linguagem é realmente “a morada do ser” (p. 60).

Sou conivente com a sábia irreverência hildebertiana porque nela habitam também a cidade-texto, a cidade-desenho, a cidade-mágica. Daí, o Poeta da Comarca de Pedras não escreve a Crônica. Ela o escreve!

E o escreve para que os leitores sejamos brindados com uma Ensaística renovadora e uma Cartografia do Estético. ■

Elizabeth Figueiredo Agra Marinheiro é escritora, crítica literária e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É autora de vários ensaios sobre literatura e teoria literária, entre eles, *A bagaceira: uma estética da sociologia e Vozes de uma voz*. Mora em Campina Grande (PB)

Anotações

sobre romances (15)



FOTO: BEL PEDROSA

A escritora
Juliana Frank e
a capa de *Meu
coração de
pedra-pomes*



Lawanda, protagonista do romance *Meu coração de pedra-pomes* (2013), da paulistana Juliana Frank, é alegre e acre, afeita (ao seu modo) e alarmada com o cotidiano devastador. É com os tons da tragicomédia que se tece o eixo central da trama do romance. Lawanda é faxineira num hospital. Tem o aluguel do quarto onde mora pago por uma tia. Ingera remédios rotineiramente (“...as pílulas filhas da puta com seus hiperpoderes que preciso tomar antes de dormir”). É amante de um homem casado. E cria be-souros com os quais – suspeita – amortece a sua solidão. A vida desbotada da protagonista a sufo-ca ao extremo – aliás, o romance de Juliana Frank é um exemplo forte da existência paupérrima,

tediosa, sem horizontes, do nosso trabalhador urbano, emparedado na grande metrópole. É um romance, antes de tudo, sobre a natureza do trabalho desumanizado, reificado, com pouca ou nenhuma criatividade. E é daí – como se querendo desafogar a si e ao próprio leitor, que também fica em permanente desconforto – que decorre a voz áspera de Lawanda: “Eu poderia estar morta como o velho, e não vivendo essa enfadonhice de cama de meteorito, família disfuncional, cortiço bem-arrumado, hospital, hospital, esfregão, corredor, esfregão, trabalhos escusos, horas infelizes, televisões altas demais, homem casado com uma lacraia na cama, macumba inútil, mortes sem espelhos: breve resumo da merda que, em dias melhores, chamo de vida”.

Lawanda (autoironia da nar-radora, que se chama Wanda), para melhorar o salário de faxineira, arranja alguns trabalhos “extras” (ou “escusos”, como ela prefere) – consegue alimentos não prescritos para certos pacientes; satisfaz-lhes desejos impróprios, e até bizarros, como o de um velho terminal que queria assistir (não deu tempo) a um show de Caubi Peixoto, ou como o da senhora Berta, também terminal, que, querendo dançar, acaba falecendo nos braços de Lawanda. A (tragicômica por excelência) cena em que é narrada a dança da moribunda com Lawanda tem muita força:

Berta balbucia algo. Não entendo. Mas, sim, estamos subli-mes, Berta! É só não pisar no meu pé que eu vou te levar daqui para



um templo em Dammam. Fecha os olhos, velha desanimada! Anda! Ela começa a tremelicar. Muito bom! Estamos quase chegando aonde quero. Ela balbucia mais uma vez e se contorce. Que lindo, nunca vi nada igual. Será que são os remédios para o câncer? Eu deveria experimentar!

Ela consegue gritar:

– Estou indo!

– Para o templo de Dammam?

Ela balbucia:

– Não sei!

Cai dura no chão. Merda. Morreu também. E agora? Como vou devolver o corpo para a maca no quarto andar?

Eis uma cena que registra com realismo agudo uma das situações vividas por Lawanda, personagem de fala solta, espontânea, cujos palavrões, bem aplicados na trama, funcionam como desforra, como gritos, não contra este ou aquele, mas contra o tipo de existência que lhe coube. Juliana Frank, autora ainda muito jovem, parece acertar a mão na construção dessa personagem enérgica, desesperada. E com isso acaba acertando a mão na fatura de seu mais recente romance. ✶

Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e
professor da Universidade Federal da
Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Cinegenia



FOTOS: REPRODUÇÃO/INTERNET



Karl Malden, o padre angustiado de Sindicato de ladrões



Miriam Pires, atriz de Chuvas de verão



Giulietta Masina, a palhaça Gelsomina de A estrada da vida

Vamos aprender uma palavra nova? É um neologismo do mundo cinematográfico, mas, na verdade, tardio, pois já devia ter sido inventado há muito tempo. Hoje em dia usado por estudiosos da sétima arte, a palavra é “cinegenia”, com o seu adjetivo “cinegênico”.

É fácil de entender por comparação. De uma pessoa que se sai bem ao ser fotografada não se diz que é fotogênica? Pois cinegênica seria a pessoa que se sai bem ao ser filmada. E não esquecer que entre fotogenia e cinegenia está uma coisa essencial em cinema, que é o movimento.

A existência do termo (e do conceito, evidentemente) se justifica pelo fato de que – assim como no caso da fotografia – há pessoas que são cinegênicas e há outras que não o são. Além disso, vale lembrar que cinegenia não coincide, necessariamente, com beleza: nem todos os belos são cinegênicos e nem todos os cinegênicos são belos.

Exemplos? Um que me ocorre de chofre é o da atriz italiana Giulietta Massina. Ninguém diria que ela é bela, sequer bonita, e, no entanto, há rosto mais cinegênico? Lembrem sua carinha pintada de palhaço em *A estrada da vida* (*La strada*, 1954) ou bordada de lágrimas em *Noites de Cabíria* (*Le notte di Cabiria*, 1957) e

concordem comigo. E aqui – como, aliás, nos exemplos a seguir – não se trata só de rosto, mas do todo, corpo, poses e gesticulações.

Nos velhos tempos do Free Cinema inglês, começo dos anos sessenta, surgiu uma atriz que, por todos os critérios seria considerada feia: Rita Tushingham, lembram dela? Fazia parte daquele movimento cinematográfico colocar na tela “gente comum como a gente”. O rosto comum de Rita, porém, é, independente de seu talento de atriz, extremamente expressivo na tela, ou seja, cinegênico. Para conferir revise filmes como *Um gosto de mel* (*A taste of honey*, 1961), *Um amor sem esperanças* (*Girl with green eyes*, 1964), *A bossa da conquista* (*The nack and how to get it*, 1965). ▶

imagens amadas



A terra esturricada do nordeste brasileiro em *Vidas secas* (esq.) e o deserto de Lawrence da Arábia são cinegênicos

No cinema brasileiro há casos assim, digo, de atrizes que, não sendo propriamente bonitas, são ou foram, cinegênicas ao extremo: Maria Ribeiro (de *Vidas secas*, 1963), Miriam Pires (*Chuvas de verão*, 1977), Dina Sfat (*Macunaíma*, 1969) e Isabel Ribeiro (*São Bernardo*, 1972), são exemplos que me ocorrem no momento em que escrevo.

No cinema americano mais recente me vêm pelo menos dois casos: Frances McDormand (revejam *Fargo*, 1996, ou *Mississippi em chamas*, 1988) e Kathy Bates (*Tomates verdes fritos*, 1991, *Louca obsessão*, 1990, etc). No passado talvez seja o caso de se falar em Joan Crawford. Ou Bette Davis seria um exemplo melhor?

Entre os homens, a mesma coisa. No cinema clássico americano ninguém deve ter sido mais feio que Karl Malden, com aquele narigão de bola, olhos apertados e boca miúda. E, no entanto, quando seu rosto aparecia na tela prendia a atenção, e os motivos eram cinegênicos. Lembrem dele como o padre angustiado de *Sindicato de ladrões*, 1954, como o marido traído de *Boneca de carne*, 1956, ou como o mineiro mau caráter no western *A árvore dos enforcados*, 1958.

Outro feioso para quem a gente gostava de olhar era o sempre coadjuvante Peter Lorre, normalmente em papéis meio sórdidos, como foram os seus em *Casablanca* (1942), *Relíquia macabra* (1940), *Este mundo é um hospício* (1944), *Zona proibida* (1949), *Muralhas do pavor* (1962) e tantos outros.

Estou falando de pessoas, mas, o conceito de cinegenia, claro, também vale para outros seres: objetos, armas, edifícios, construções, paisagens, etc. – uns mais estáticos outros menos, mas todos sempre explorados pela mobilidade da câmera.

Entre os meios de transporte, por exemplo, não conheço um que

seja mais cinegênico que o trem. Pensem em cenas fílmicas com trens e, mais uma vez, concordem comigo. E vejam que tudo começou com os irmãos Lumière, em 1895, com um trem chegando à estação e fazendo os espectadores correrem com receio de serem atropelados. Depois disso, os cineastas vindouros descobriram que a câmera cinematográfica era apaixonada por trens... E o resto da história vocês conhecem. Eu mesmo cheguei a redigir um longo ensaio, publicado neste *Correio das Artes*, em que analiso a presença do trem no cinema de todos os tempos.

Acho que um navio não é tão cinegênico, e muito menos um automóvel. Tudo bem, concordo em que a relação do objeto filmado com a câmera pode incrementar a cinegenia. As diligências de John Ford eram incrivelmente cinegênicas, é verdade.

Na categoria das paisagens é fato que os desertos e colinas do Oeste americano ficavam muito bem nas mãos hábeis de diretores como Raoul Walsh, Anthony Mann e Howard Hawks, mas, a terra esturricada do nordeste brasileiro em *Vidas secas*, também é impressionantemente cinegênica.

O mar pode ser muito cinegênico, a depender do cineasta. Recordo – só para não deixar de dar exemplos – as ondas avassaladoras que quebram por cima das rochas no documentário de Robert Flaherty *O homem de Aran* (1934) ou, no melodrama hollywoodiano *Sagrado e profano* (1947) ou no dra-

ma adúltero de David Lean *A filha de Ryan* (1970). Quanto ao deserto, ninguém tem mais dúvidas se é cinegênico depois de ter visto *Lawrence da Arábia* (1962).

Já com a paisagem citadina a coisa complica. Num filme noir, preto e branco, ruas estreitas, calçadas molhadas e becos mal iluminados são extremamente cinegênicos, porém, se o filme, nesse gênero, é colorido o efeito pode ser outro. Ainda hoje se discute, por exemplo, se o colorido gritante de *Amar foi minha ruína* (*Leave her to Heaven*, 1947) dá certo com sua temática sombria e criminoso.

Para não deixar de fora os objetos, lembremos o telefone, imagem recorrente no suspense de William Castle *Eu vi que foi você* (1965), ou seu efeito perturbador na cena final de *Assim estava escrito* (1952), o drama de Vincente Minnelli sobre os feios bastidores de Hollywood. Outros objetos marcantes: a gravata em *Frenesi* (Alfred Hitchcock, 1972), ou os sapatos em *Pacto sinistro* (1951) do mesmo diretor. Neste mesmo viés icônico, o relógio pode ser lembrado em dois westerns muitos parecidos: *O matador* (Henry King, 1950) e *Matar ou morrer* (Fred Zinnemann, 1952). O chapéu, no caso feminino, tem uma significação especial em *Testemunha de acusação* (Billy Wilder, 1956) e *Bonequinha de luxo* (Blake Edwards, 1963). E por falar em moda, destaco os muitos vestidos que Madeleine/Judy Barton (ambas Kim Novak) usam em *Um corpo que cai* (1958). Mesmo se você não é ligado em indumentária, sai do cinema com a imagem na cabeça. Isto para não falar no coque de Carlotta Valdez, que tem os mesmos contornos centrípetos da vertigem de John Ferguson, o personagem de James Stewart.

Bem, como é possível que a cinegenia (tanto quanto a beleza em Platão) dependa dos olhos de quem vê, o jeito é conceder ao leitor o direito de duvidar dos meus exemplos... e escolher os seus. ✘

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB)

Nanego Lira

O JORNALISTA QUE LARGOU AS REDAÇÕES
PARA BRILHAR NOS PALCOS

Linaldo Guedes

linaldo.guedes@gmail.com

Reza a lenda que José do Nascimento Lira Neto seria um grande jornalista. Possivelmente, seria repórter dos segundos cadernos ou estaria escrevendo matérias para o *Correio das Artes*. Mas ele disse “não” ao jornalismo e virou Nanego Lira, ator que saiu de Cajazeiras, no Alto Sertão Paraíba, para ganhar os palcos do mundo como o personagem Primo Argemiro, da peça *Vau da Sarapalha*, de Luiz Carlos Vasconcelos, e as telas de cinema, como no longa-metragem dirigido por Homero Olivetto, com estreia prevista para janeiro, *Reza a lenda*, com Cauã Reymond, Humberto Martins, Sophie Charlotte e Zezita Matos, entre outros atores e atrizes.

No filme, Nanego interpreta Pai Nosso, um sujeito que tem sua fé vinculada a valores muito próprios. Ele vive para preparar o seu povo para um grande momento onde a justiça, da forma como ele vê, enfim, irá acontecer. “Ele me remete à memória que tenho das histórias de Antônio Conselheiro, Lampião e quem seriam eles hoje no contexto de vida do Pai Nosso. É uma espécie de herói que por meio da fé busca a justiça social usando os elementos que tem para enfrentar os poderosos e o poder estabelecido. Acredita que a vida de seu povo vai valer a pena no momento em que a santa que busca resgatar estiver em seu lugar e é para isso que vive”, analisa.

*Nanego Lira
interpreta Primo
Argemiro, na peça
Vau da Sarapalha,
de Luiz Carlos
Vasconcelos*

FOTO: DIVULGAÇÃO

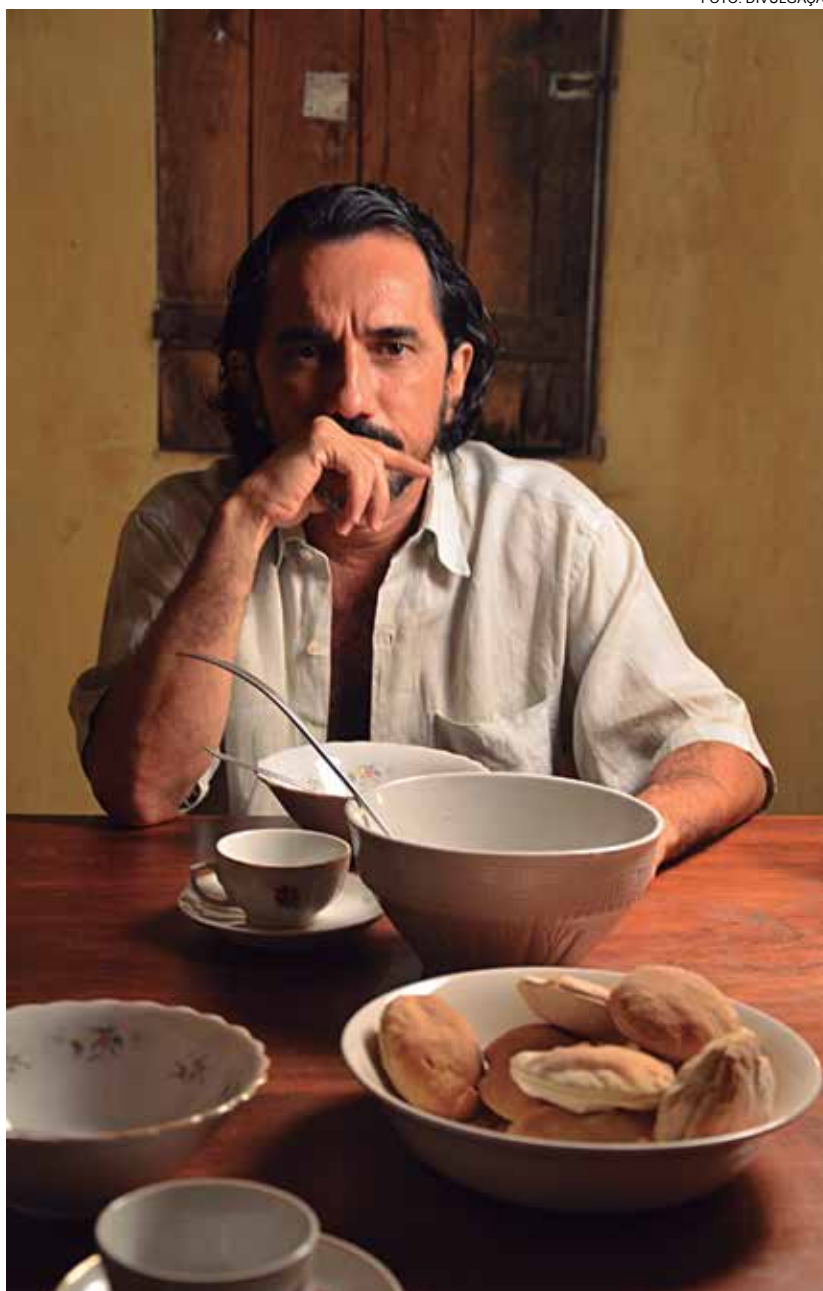
▶ As gravações no set de filmagens, como toda nova experiência, foram momentos de grandes desafios e muitas aprendizagens. Foram 45 dias entre Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), onde a cada dois dias a equipe estava em locações diferentes, com visual deslumbrante, geografias e vegetações impactantes que uniam a caatinga com a grandeza do Rio São Francisco, já que o filme se passa nessa região.

“A convivência com uma grande equipe, envolvendo atores de renome nacional, uma produção super profissional que me recebeu de forma muito acolhedora e respeitosa, foram elementos positivos e desafiadores. A presença do diretor Homero Olivetto sempre marcante, cuidadosa e firme, também fez a diferença para que eu pudesse viver de forma mais intensa o Pai Nosso. Tivemos uma semana antes do primeiro dia de filmagem com o preparador de atores Chico Aciolly dando um mergulho e adaptando o corpo para o que viria pela frente, pois é um filme que tem muita ação e exige bastante foco e concentração da parte do ator” detalha o intérprete.

No filme, além de Nanego, a atriz Zezita Matos também brilha. Nanego faz questão de destacar como foi importante nessa experiência ter Zezita ao seu lado. “Era tudo muito novo e Zezita, pelo que é e a experiência que tem, foi uma presença que me trouxe afago e segurança. Estar em um filme onde todos são pessoas de vivências, locais e histórias de vida tão diferentes, traz a riqueza da diversidade, mas exige bastante de nós, uma espécie de desconforto natural dessa estranheza. Ter Zezita comigo (nós formamos um casal no filme) foi uma espécie de chão firme para poder me jogar. Interessante que essa estranheza a que me refiro está também no meu personagem que sai em busca de estranhos para formar sua ‘família’, ou seja – o que está fora, está dentro”, explica.

FIM DA HEGEMONIA DO EIXO RIO-SÃO PAULO

Em relação à participação de artistas locais nas grandes produções nacionais, Nanego enca-



Nanego está no elenco da longa-metragem Reza a lenda, de Homero Olivetto, com estreia prevista para janeiro

ra com naturalidade e vê que é uma consequência do trabalho que, especialmente o Nordeste e a Paraíba, vêm desenvolvendo e também das mudanças ocorridas nas últimas décadas, no Brasil, onde o território artístico se estendeu para além dos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo. “A Paraíba há muito tempo se tornou referência por meio do seu teatro e as mudanças ocorridas na estética do cinema brasileiro tem uma relação muito profunda com o teatro feito aqui”, lembra ele. “Já na década de 80 – prossegue –, tivemos Marcélia Cartaxo e Zé Dumont se destacando no melhor cinema feito no Brasil e, a partir disso, muitos atores e atrizes paraibanas passaram a trilhar esse caminho”, completa.

Nanego Lira confessa que ainda não viu o filme. “Mas por tudo que vivi e todo investimento feito pela produção, direção, equipe de criação e atores envolvidos, tenho certeza que o resultado será muito bom! É um filme que trata de questões muito presentes em nossa história: a luta entre opressor e oprimido, a busca por justiça a qualquer preço, isso aliado ao dinamismo proposto pelo roteiro e a disponibilidade de todos é a certeza de um bom resultado. Aposto que será ▶



► bem aceito e compreendido pelo público sim! E torço para que seja sucesso”, observa.

UM SER HUMANO QUE CONSTRÓI E SE RECONSTRÓI SEMPRE

Mas, afinal, quem é a Nanego Lira? Difícil definir. Há 51 anos ele próprio está conhecendo essa criatura. “Hoje já sei que é uma pessoa que veio com uma habilidade para a arte de encenar. Gosto de atuar, de pensar e fazer teatro. Acho que esse é meu percurso natural, mas viver e ser alguém passa por tantas outras questões que não me arrisco a afirmar muito sobre mim, pois vez por outra aparecem partes antes desconhecidas e desaparecem coisas que achava que me pertenciam definitivamente”, se auto define, de forma subjetiva. Objetivamente, porém, assim resume sua trajetória: “Sou um sertanejo, oriundo de Cajazeiras, de uma família de 15 irmãos, que veio concluir seus estudos em João Pessoa, trilhando o mesmo caminho de muitos outros, mas que já trazia na bagagem o teatro, pois junto com Soia Lira, Marcélia Cartaxo e outros já fazia teatro no Grupo Terra. Experiência essa que certamente contribuiu muito para eu ser quem sou”.

Assim, não causa estranheza saber que desde criança encenar era a brincadeira preferida. Na Rua Higino Rolim, em Cajazeiras, ele, seus irmãos e mais Marcélia Cartaxo, Eliézer e Lincoln Rolim viviam de fazer peças e chamar o povo da rua para assistir. “Essa brincadeira, ao mesmo tempo que foi nos formando, foi tomando forma em nossas vidas e nos direcionou para a vida profes-

Nanego no espetáculo A pá (2013, de Haroldo Rego, inspirado no filme Gosto de cereja, do iraniano Abbas Kiarostami

sional, Tanto eu como Marcélia, Soia, Lincoln e Eliézer levamos isso para nossas vidas profissionais”, ressalta. Para ele, não houve o momento da escolha em ser ator. “Foi algo que se consolidou muito cedo e o que houve foi uma não escolha, ou seja, me formei em Comunicação Social e escolhi não ser um jornalista, pois o que eu era já havia se estabelecido em mim como o meu caminho de vida e profissional”, revela.

O SUCESSO COM VAU DA SARAPALHA E A ESSÊNCIA DA ARTE

Entre as maiores alegrias da carreira, sem dúvida está a aceitação e sucesso de *Vau da Sarapalha*. E as tristezas? “Não consigo dividir as experiências em dois polos. As alegrias e decepções estão dialogando sempre, sempre mais próximas do que esperamos ou desejamos”, sentencia.

Nanego faz questão de enfatizar que o teatro da Paraíba tem qualidade. “O *Vau da Sarapalha* é mais um espetáculo de grande qualidade, mas é inegável que a repercussão do *Vau* e sua aceitação em todo Brasil e em vários países do mundo desenvolve um olhar diferenciado para o que se faz na Paraíba. Para o teatro que fazemos no Grupo Piollin, penso que o ser e o fazer teatro é um desafio em qualquer parte. No teatro, assim como no cinema, por exemplo, existe o caminho mais fácil e o outro (que não precisa ser

o mais difícil). Esse outro é a nossa escolha enquanto grupo e isso nos iguala aos outros grupos de qualquer outro lugar que busque este caminho. Não só o teatro, mas a arte em geral é um desafio em qualquer lugar e em qualquer tempo, pois é essa essência da arte: instigar, desafiar”, teoriza.

Nanego Lira começou a fazer teatro ainda quando era criança. Já com 14 anos, com o espetáculo *Os pirralhos*, andava pelo mundo fazendo teatro e viu muitas coisas que também lhe formaram. Gostaria de ter assistido muito mais teatro do que de fato assistiu. Ainda em Cajazeiras, viu muito “drama de circo”, onde conheceu os primeiros atores. Depois, Íracles Pires, diretora, atriz, jornalista e articuladora cultural de Cajazeiras, com seu grupo de teatro, era para Nanego uma figura de mulher marcante.

“A presença de Luiz Carlos Vasconcelos e Everaldo Pontes é forte, significativa em minha vida, e uma referência, sem dúvida. Ter visto *Macunaima* de Antunes Filho, com Cacá Carvalho, *Tempo de espera* de Aldo Leite, vindo do Maranhão - esse espetáculo não tinha diálogo -, e *Papa Rabo*, de Fernando Teixeira, com Buda Lira e Eleonora Montenegro, foram experiências marcantes. Tudo isso vai formando a gente e nos ajudando em nossa trajetória. O encontro com Raul Cortez e o diretor Luiz Fernando Carvalho, no trabalho para TV, *Uma mulher vestida de sol*, também foi um momento singular. Tudo que reúne pessoas, desejos em torno do trabalho dá significado, ensina”, sublinha.

A ambição de Nanego, para o futuro na profissão, é estar sempre diante de um personagem, de uma boa história, seja qual for. “Mas hoje o que tem me instigado muito é o desejo de fazer um monólogo. Essa é hoje uma experiência muito desejada por mim”. Que venha o monólogo, então! O teatro paraibano e brasileiro vão agradecer! ✦

Linaldo Guedes é poeta e jornalista, autor, entre outros, dos livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas* (1998), *Intervalo lírico* (2005), *Metáforas para um duelo no sertão* (2012) e *Receitas de como se tornar um bom escritor* (2015). Mora em João Pessoa (PB)



Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*

O des co nhe cido

O desconhecido movimentou seus grandes pés até a rua dos Hipocampos, à procura do número 476.

Encontrou-o com dificuldade, pois, no subúrbio, as plaquetas estavam roídas pela ferrugem e a numeração desordenada.

A residência era uma construção antiga, que não bebia tinta há muito tempo, mas que, mesmo assim, conservava certa dignidade.

Apertou longamente a campainha.

Parado diante da porta durante pacientes minutos, percebeu presença atrás das cortinas e ninguém atendeu-o.

Indeciso quanto à próxima atitude, notou que uma velha de vestes humildes se aproximava, com duas galinhas presas pelos pés.

Passou por ele, saudando-o frouxamente, e dirigiu-se à habitação vizinha, o 480.

Sua casa, comparada ao 476, era uma caixa de fósforos coberta de pó.

O forasteiro chamou-a:

– Senhora, gostaria de saber se na casa ao lado vive um grande gato branco com uma viúva.

A velha, espantada com a indagação, logo readquiriu a calma, e respondeu:

– Sim. Clarice mora aí com o gato, sua única companhia. Desde que enviuvou, evita os homens. Até o padre.

O forasteiro, aborrecido com os detalhes não solicitados e os perdigotos da senhora, ficou novamente hesitante quanto ao passo seguinte.

De repente, porém, sacou do bolso esquerdo uma correntinha de ouro, que estendeu à velha:

– Tome! Por sua informação.

A senhora, atônita, vacilou, mas, quando se decidiu, guardou-a rapidamente entre os seios murchos.

– Ah! doutor, não precisava! Mas estou às ordens! – exclamou a velha, com mel nas sílabas.

› O desconhecido, satisfeito pela reação da macróbia, disse, marcando bem as palavras:

– Detesto aborrecer as pessoas, mas pago muito bem os serviços que me prestam.

A senhora, porejando bajulação, falou que faria qualquer coisa para o cavalheiro.

– O estranho, que bem conhecia o eixo das motivações humanas, solicitou:

– Quero falar com a viúva do gato branco, custe o que custar!

– É difícil: odeia os homens,

pois acha que o marido morreu só para abandoná-la. Um absurdo!

– Ela é sua amiga?

– Sim.

– Tem confiança na senhora?

– Completa. Sou eu que lhe faço as compras, já que não deseja cruzar com a humanidade nas ruas.

– Então eu lhe darei mais três objetos de ouro se conseguir que a viúva me receba.

A palavra “ouro” fez brilhar de cobiça os olhos da macróbia:

– Doutor, vou fazer o impossível para conseguir o encontro. Espere meia-hora atrás das árvores do parque. No momento exato, irei chamá-lo.

O desconhecido, satisfeito pelo rumo dos fatos, dirigiu-se ao parque florestal, onde, aliás, estacionara sua pequena condução num fosso, muito bem camuflado sob folhas de outono.

Apalpou os brincos de ouro no fundo do bolso e sorriu obliquamente.

2

A velha arrojou a campainha da casa da viúva, que, notando-a, foi logo abrir a porta.

– Boa tarde, dona Joana! A senhora quer alguma coisa?

– Poderia me emprestar sal. O meu acabou.

– Claro, pode entrar.

A viúva, com vestes e olheiras pretas, transpirava melancolia, que se passava ao ambiente, mergulhado em penumbra.

Mas os cabelos louros não escondiam sua beleza, apesar de tudo.

– Que escuro, Clarice!

– É como me sinto.

A velha, com alguma sutileza, encaminhou a conversa para o desconhecido.

– Aceitaria receber a visita de um senhor distinto, que quer somente trocar quatro palavrinhas?

– Não.

– Mas esta pessoa poderia falar com você até pelas grades da janela, se sua presença tanto lhe incomoda.

– Quem é esta pessoa?

Dona Joana, mulher experimentada, conseguiu, através de muita manha, despertar a curiosidade de Clarice.

– Mas eu não costumo falar com pessoas a quem não fui apresentada. As viúvas são as primeiras vítimas dos maledicentes.

– Não se preocupe: escutei no rádio que hoje vai ter neblina, e ninguém irá perceber nada.

– E se esta pessoa for um terrorista?

– Eu nunca soube que terroristas distribuem ouro às pessoas.

– ?

– Tudo certo, então, Clarice?

– Sim. Mas a senhora ficará comigo. Qualquer gesto anormal, chamará a polícia. Promete?

– Prometo.

A macróbia saiu, satisfeita e sem o sal, e dirigiu-se ao parque.

O desconhecido, que já se banqueteara, à sombra das árvores, com pedras limosas, folhas mortas e caracóis, recebeu-a com grandes esperanças.

Eufórico, por não vê-las traídas, abraçou a velha com efusão.

Surpresa, esta lhe pediu que fosse discreto, à hora da névoa.

Enquanto se dirigira ao par-

que, ouvira, numa esquina, referências ao forasteiro que batera à casa da viúva.

O açougueiro, por acaso, salvara a situação, afirmando que devia ser o cobrador do túmulo do marido.

A velhota insinuou que tinha algumas transações a fazer, antes do crepúsculo, e seria bom um adiantamento do ouro, enquanto o comércio ainda estivesse aberto.

O estranho deu-lhe um par de brincos, e garantiu que o restante só viria após o colóquio com a viúva.

Dona Joana concordou e, ao entardecer, chegou em casa vergada por uma caixa de vinhos. ›



3

Quando a névoa surgiu, conforme o esperado, o desconhecido tamborilou a porta da viúva.

A velha veio atendê-lo, secundada por Clarice, com o pescoço envolto num xale escuro.

- Boa noite, senhoras!
- Boa noite! (em dueto).
- Sou Kjobay.

A viúva, que achou-o atraente, proferiu, num ímpeto:

- Que nome estranho! O senhor é húngaro?

- Não. Venho de Advers, em outra galáxia.

Como ambas ignorassem o significado de "galáxia" e tivessem vergonha de perguntar, pediram que ele entrasse, para não chamar a atenção dos vizinhos.

- Mas, senhora, vamos ao que interessa: onde está o seu gato branco?

- O meu gato branco?! Que lhe interessa o meu gato branco?!

- É o motivo de minha visita.

- Pensei que o senhor estivesse interessado em Clarice! - admirou-se a velha, frustrada alcoviteira.

- Eu lhes explico: há alguns anos, em voo rasante sobre o parque, à noite, meu filho debruçou-se da janela da aeronave, e tombou. Usei meus poderes transferíveis de metamorfose, quando ainda estava no ar, e transformei-o num gato branco. Quando chegou à grama alta, caiu de pé. Até que eu conseguisse aterrissar, perdi-o de vista. Usei todos os meus aparelhos, a força telepática e visão de raio-x, mas foi impossível localizá-lo.

- Meu marido, disse a viúva, vencendo um misto de pavor e atração, cruzou o parque naquela noite e achou o gato, enorme, e o trouxe para casa, abraçado.

- É por isto, concluiu Kjobay, que não o percebi: a força energética de seu marido cobriu a do meu filho. Mas, desesperado, tive que voltar a Advers, pois havia pouco combustível,

e eu detestaria apodrecer em vosso planeta.

Dona Joana, que finalmente entendera que o desconhecido era um alienígena, armou-se de intermináveis sinais-da-cruz, mas a viúva, também em pânico, procurava contê-lo, para simular naturalidade.

- Então, após anos, consegui farto combustível e autorização para voltar à Terra e resgatar meu filho. Durante a viagem, captei a vossa TV, para estudar os hábitos ridículos dos terráqueos, sua maneira de falar, seu físico e, através dos meus poderes inatos de metamorfose, transmudei-me num exemplar de vossa raça. Trouxe comigo um avançado aparelho localizador, cuja explicação seria inútil para o raso entendimentos das senhoras e, com ele, descobri o paradeiro de meu filho. E, agora, quero Roterq de volta, agradecendo-lhe com ouro o bom trato que teve aqui.

A viúva, que pouco a pouco começava a sentir mais fascinação do que medo por Kjobay, recusou qualquer recompensa.

Nisto, o gato veio miando, espontaneamente, pois estava na hora de seu leite noturno.

O alienígena compadeceu-se da amnésia que se abatera sobre seu filho e, contrariando um hábito de seu planeta, transbordou algumas lágrimas de seus olhos terrestres.

- A mãe dele desintegrou-se, por acidente, quando Roterq era pequeno; e, agora, esta amnésia!

A viúva, emocionada, pois também amava o gato branco, sua única companhia, disse subitamente a Kjobay:

- Gostaria de conhecer o seu planeta. A Terra, depois que o meu marido morreu, já não significa nada para mim.

A velhota parou um momento de benzer-se e exclamou, horrorizada:

- Clarice, você enlouqueceu?!

Kjobay, certo de que a viúva os deixaria em paz, ao ver a forma original, gelatinosa, dos ad-

versianos, sorriu com malícia, consentindo.

O alienígena lançou na mesa os dois pares restantes de brincos, e dona Joana, mesmo apavorada, deu alguns passinhos cautelosos e apanhou-os.

Seu decote engoliu o ouro com satisfação.

Kjobay, em seguida, levantou o filho do chão, abraçou-o e disse algumas palavras de seu idioma.

Roterq, recalcitrante, começou a arranhá-lo (vingando-se consciente ou inconscientemente pelo abandono?).

As garras feriam mais o ânimo que a carne paterna, mas, mesmo assim, Kjobay puxou-o para a névoa.

A viúva seguiu-os, tímida.

4

Estavam se aproximando do parque, todo encoberto pela cerração, quando Clarice falou para Kjobay ou para si mesma:

- Bem que meu marido sussurrou: "O gato está conversando com o céu, da janela". Pensei que o moribundo delirava. ✖



Cláudio Feldman é escritor, poeta e roteirista. Mora em Santo André (SP)

Dez dias

COM ELENA EM Havana

Analice Pereira

Especial para o *Correio das Artes*

OITAVO DIA:

DIA DEL AMOR Y AMISTAD

Por uma questão de linearidade narrativa e para ficar mais compreensível este oitavo dia, vale voltar ao primeiro um bocadinho, somente para lembrar que ali, logo na chegada da estrangeira, por estar muito cansada da viagem, mas, sobretudo, por não compreender plenamente aquela língua (o que ia exaurindo dela o restinho de forças, de energia que tinha) despediu-se de sua amável anfitriã (sim, já no primeiro contato, ela sabia - porque sentia - do amor que, naquela tão recente amizade, surgia) e se recolheu no quarto onde iria dormir naquele e nos próximos nove dias. Tinha uma TV no quarto e resolveu ligar, coisa que não faz em sua casa, no seu país. Mas como “tudo entra em perspectiva quando se viaja”, como dizia um amigo dela, resolveu olhar o que se passava naqueles canais de TV cubanos e, depois de alguns segundos (o aparelho era de um modelo mais antigo, ainda daquelas de tubo), apareceu a seguinte mensagem, causando-lhe um misto de susto, surpresa, encantamento e curiosidade: “ser culto es el unico modo de ser libre”, de José Martí. A cada vez que ligava a TV em Cuba, esta era a primeira tela que aparecia, até que ela escolhia o canal que pretendia assistir.

Era quatorze de fevereiro o seu oitavo dia na Ilha. Ligou a TV e, já acostumada com aquela mensagem de Martí – poeta, político, filósofo e grande símbolo da independência cubana – zapeou aqueles poucos canais à procura de algo: um noticiário, um documentário, a divulgação de alguma atração

artística e/ou cultural. Só não queria ver novela, principalmente se fosse brasileira. Então, naquela busca, tomou conhecimento de que, naquele dia, comemorava-se o *Dia del amor y amistad*, em homenagem a San Valentín, o sacerdote romano que foi preso por realizar casamentos proibidos, lá pelo século III da era cristã. Assim mesmo: veiculava-se na TV uma breve explicação sobre o significado do dia, do que se comemorava naquela data, a referência ao santo e ao que ele fez e, portanto, representava. O destaque para “o santo que realizava casamentos proibidos” foi o que mais chamou a atenção dela. Percebia que, ao assistir à TV, era dado às pessoas daquele lugar o direito de entenderem que uma data não é só uma data. É necessário saber por que se celebra em determinado dia, determinada situação. Ilustrando aquela breve aula, veiculava-se um vídeo de estímulo à população para o envio de cartões, cartas, cartinhas, bilhetes etc pelos Correios de Cuba, de forma gratuita. No slogan, e em palavras escritas transmitidas no vídeo, em destaque: *Dia del amor y amistad*. Nem era *Dia dos namorados* (como no país dela), nem era *Dia de San Valentín* (como em diversas partes do mundo). Era dia de amor. Era dia de amizade. Como se uma coisa dissesse a outra... assim... naturalmente.

Nas ruas por onde passou naque-



▶ le dia, principalmente no passeio que fez no Malecón, viu cenas de demonstrações públicas de afeto, cenas doces e ternas. As pessoas, de todas as idades, pareciam estar inspiradas no clima da data, festejando-a. Mas também não era tudo assim um mar de rosas. Afinal, no alcance do seu campo de visão, não pode vislumbrar alguma cena que contrariasse a da família institucionalizada como sendo a união entre homem e mulher, por exemplo. Seria a diversidade de formas de amar ainda um tema tabu na Ilha, apesar das aberturas. Claro que este (ainda) não era um tema fácil em Cuba, mas parecia que, em seu país, que se diz livre e democrático, era mais difícil ainda porque carregado de retrocesso e de conservadorismo. Lá (onde nem se via mais sabiá cantando na palmeira), muitas das pessoas que “contrariam” o que se chama de “Estatuto da família” são muito mal tratadas, assassinadas de forma cruel, muitas vezes paulatina e diuturnamente, um pouquinho a cada dia. Pensava: *de que vivem, por exemplo, os travestis lá no seu país?; têm empregos?; têm liberdade para transitar com paz e confiança pelas ruas de seu país?; quais os parâmetros de amor e de amizade têm essas pessoas que levam uma vida de sofrer, de fugir, de resistir, de lutar, de se esconder?* Pode-se até mudar a perspectiva de onde se vê o problema, mas o problema não deixará de existir, senão, somente, no ângulo da visão.

Nesse clima de comparação, lembrava que em seu país, o apelo televisivo, no dia dos namorados, era exatamente o contrário do que se fazia em Cuba, dado o fato de constituírem sociedades exatamente contrárias: uma, até onde se podia crer, socialista; outra, até onde não

se podia mais aguentar, capitalista e demasiadamente consumista. Obviamente, essa comparação se amparava naqueles valores em crise em seu país, e que na Ilha são manifestados pelos canais de TV e nas ruas e numa dinâmica mais geral da sociedade: amor e amizade.

Em meio a essas reflexões, foi surpreendida por uma pergunta: *O que representa o casamento para você?* Perguntou Elena à estrangeira, que respondeu: *diga você primeiro.* Aquele silêncio instalado no eco da pergunta, enquanto tomavam café na cozinha da casa de Elena, era a sentença que precisavam para se identificarem com o que a estrangeira costumava nomear de crise de parâmetros. Parecia imensurável o tempo daquele silêncio, contado assim pelo que oferece a memória. Mas nem era tão longo. Certamente ocupou alguns minutos que não ultrapassaram a casa das unidades. Quem sabe uns oito. O tempo de um café e de um cigarro. Até que a palavra finalmente foi dita: *o que deve reger um casamento é o amor e a amizade que o casal pode construir. Sem uma dessas duas coisas, o casamento vira apenas conveniência e um dia acaba.* A estrangeira apenas completou: *como o meu e como o seu?* Satisfizeram-se na suficiência dos exemplos, e de alguns outros exemplos de suas vidas e não puderam evitar a tristeza expressa naqueles olhos que se entrecruzavam paralisados em sua madureza. O tempo era feroz, tinha a capacidade insana de colecionar dores de desamores, de desamizades. Entendiam, por fim, que, naqueles anos de maturidade, não se dispunham mais às aventuras das paixões incertas e ausentes de companheirismo e sinceridade; se indispunham a colocar o sexo na frente do

afeto como se têm levado, contemporaneamente, as pessoas; o sexo, para elas, seria, sempre, expressão de afeto. Nada mais. Nada menos.

Poderia ir ao cinema naquele dia de amor e de amizade (dia dos namorados, para os brasileiros), se em Cuba não se entendesse que os funcionários do cinema também precisam da folga para comemorar esse dia e, portanto, não trabalham. Poderia, então, sair bailar naquele dia, mas a estrangeira preferiu mesmo embalar seus sonhos ancorados naquelas palavras ditas e sentidas e naquelas cenas vistas pelas ruas de Havana, nas ressacas no Malecón, e por um passeio realizado no Aquário Nacional de Cuba, onde se aglomeravam muitas pessoas para assistir as expressões de afetos trocadas entre todos, incluindo os golfinhos e seus adestradores.

À noitinha, de volta pra casa de Elena, sentia, agora mais fortemente, aquela ausência que havia, aquela lacuna, vazio. Questionou-se mais uma vez, como já estava virando rotina pra ela, sobre o conceito de igualdade, e sobre uma felicidade completa. O que viriam a ser? Pensou, guardadas as devidas diferenças de época, no quanto era atualizada a atitude “revolucionária” de San Valentín. Por fim, e sem mais, deixou-se amparar nos versos do cancionista cubano, Pablo Milanês, e na melodia que embalou seus sonhos naquela noite terna: “romantica sin reparar en formas tales / que ponga freno a lo que siento ahora a raudales”. ◀

Analice Pereira é crítica de literatura, ensaísta, contista e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Mora em João Pessoa (PB)



A semente

Archidy Picado Filho

Especial para o Correio das Artes

Álvoro era um homem saudável e forte. Agricultor dedicado, ele gostava de sair de casa para cultivar o solo um pouco antes de o Sol nascer, principalmente em belas manhãs da fértil Primavera, abrindo-lhe sulcos em valas longas e estreitas onde jogava as sementes que, regadas pela luz solar e pelas chuvas, logo brotariam a gerarem os ramos donde nasceriam os frutos que alimentariam o mundo e que ele tinha prazer e orgulho de ajudar a terra a produzir, enquanto sua esposa colhia alguns dos brotos já maduros que ele plantaria, os quais alimentariam outra vez Álvaro e a si própria, sem que uma só vez se esquecesse de agradecer os mantimentos concedidos quer para o café da manhã, o almoço ou o jantar; não apenas pela força germinal da terra e pelos esforços do marido amoroso e trabalhador, mas principalmente a Deus que, mesmo privando-a das bênçãos da maternidade, os havia gerado e sustentava bondosamente a todos com Seus sopros vivificantes.

- Nossas vidas, como de tudo vivo, são mesmo obras de milagres! – reconhecia Álvaro ao agrado da esposa, depois que, antes das saborosas refeições que lhe preparava, ela prestasse suas homenagens e seus agradecimentos ao Criador em orações por todas as bênçãos recebidas. Mesmo que, durante a seca, quando em desespero, ele lançasse maldições a terra por causa de sua momentânea esterilidade – como às vezes injúrias ao Deus, em quem secretamente não acreditava, pela esterilidade da esposa, perdoando-se o impropério respaldado no fato de que, segundo a Bíblia, mesmo Jesus Cristo, o Amor encarnado, num incompreen-

sível momento de ira tinha amaldiçoado uma figueira por não ter gerado seus frutos.

- Milagres maiores virão! – garantia-lhe a esposa, não apenas para dar-se a esperança de que, um dia, não apenas Deus haveria de ressuscitar os mortos – como já lhe parecia fazer diariamente com os vegetais, que renasciam os mesmos após cada colheita, todos dignos de continuar a alimentar os herdeiros do Reino dos Céus, brevemente alicerçado em todos os ventres da Terra – mas a conceder-lhe felicidade de gerar uma semente de vida em seu próprio ventre.

- Milagres maiores virão! – repetira ela esperançosa, depois de terminada a última refeição daquele dia retirando os pratos sujos da mesa, indo para a cozinha cantando louvores a Deus ao lavá-los e, depois, pondo de molho grãos do feijão recém-colhido que cozinaria para o almoço do dia seguinte.

E enquanto a esposa terminava as atividades domésticas daquele dia, preparando ao mesmo tempo as do amanhã, nada diferente do que fizera ontem e anteontem – como não seria diferente o trabalho diário de Álvaro naquele “fim de mundo” onde viviam, como consideravam muitos, embora, para contrariar noções de tempo e espaço, ele insistisse em reconhecê-lo *começo* do mundo – Álvaro ficava sentado no terraço, como sempre, balançando-se numa cadeira de madeira e mastigando um ramo de trigo, enquanto via a noite debruçar-se sobre o mundo a fazer terminar mais aquele dia de labuta, desde que Adão e Eva tinham sido expulsos do Paraíso e, como castigo, Adão tinha sido posto a arar diária e laboriosamente a terra a ga- ▶

▶ nhar o pão de cada dia com o suor de seu rosto.

E embora sua esposa, como a grande maioria das mulheres, desejasse ardentemente gerar um filho, Álvaro pensava que, talvez por sua bondade inata, como compensação ela tivesse sido privada do castigo das dores do parto e dos sacrifícios de uma vida inteira dedicada ao conforto de filhos, castigo digno das herdeiras de Eva, primeira seduzida pelo diabo à desobediência original.

E então Álvaro, mesmo que tivesse que fingir crer em toda aquela estória absurda ao agrado da crente e esperançosa esposa, sorria discretamente de toda aquela bobagem sobre “castigos divinos” – já que sentia verdadeiro prazer trabalhando dia após dia a semear a terra e considerasse uma grande sorte não ter que dividir as atenções, o carinho, o amor da esposa com filhos, ou nutrir preocupações diárias com a manutenção de outras vidas, postas à sobrevivência no mundo sob sua responsabilidade.

E mesmo que talvez o estéreo fosse *ele*, pois casara virgem e não tinha certeza sobre o defeito do útero da esposa, já que não se haviam submetido a qualquer tipo de exame médico que pudesse comprovar se era ela ou ele que não podia gerar filhos, sendo sua esposa absolutamente convicta de que, plenamente saudável, alimentado com os frutos que ele cuidadosamente plantava, tratava e colhia, enquanto vegetariano convicto, Álvaro não tinha sido punido por Deus com a desventura de não ser capaz de fecundá-la, tendo o Criador o feito excelente semeador do solo – o que lhe era compensador, caso tivesse mesmo sido ele desprovido do poder de auxiliar a Vida a povoar a Terra.

E assim passaram pelos dias, pelos meses, pelos anos, estando Álvaro sempre motivado pelo prazeroso trabalho que, para Adão, tinha sido seu castigo, pelo amor e dedicação de sua esposa e ela, por sua fé e esperança em dias melhores.

Até que, num ensolarado meio dia de Primavera, Álvaro não voltou para casa para o almoço, como de costume.

Plantada no terraço, a esposa olhava aflita para o meio do mato e para a cadeira de balanço imóvel do marido, imaginando que, talvez, depois de anos e anos de sua monótona atividade, seria

natural que Álvaro quisesse demorar um pouco mais no arado, ficar um tanto sozinho, ou que tivesse encontrado um amigo para uma prosa – o que não poderia acontecer, lembrara-se a esposa, já que Álvaro nunca fizera questão de conhecer ninguém nas redondezas, sendo mesmo antipático a outros agricultores da região por suas recusas em quebrar sua rotina a acompanhá-los numa rodada de cachaça em sítios vizinhos.

Pois Álvaro – como já sabemos – sendo absolutamente saudável, nunca bebera ou fumara, não sendo possível, então, que, entre tantas possibilidades ao seu atraso para o almoço, sua esposa imaginasse que ele tivesse morrido de repente durante o trabalho, embora talvez pudesse ter sido morto por algum bandido; pois que, contrariando as vontades de Deus, haviam se espalhado por todos os recantos do mundo – mesmo os considerados mais pacíficos e ermos – os herdeiros de Caim a semearem a Terra de inveja, ódio e destruição.

Mas, como ela não se cansava de dizer crer, “Deus é mais e é amoroso Pai” – embora sua fé não tivesse lhe estimulado a paciência de esperar que Álvaro retornasse para casa, partindo a procurá-lo pelo sítio com ânsia de quem procura valioso tesouro, o que, de fato, ele não deixava de ser para ela.

E não demorou a encontrá-lo encostado no tronco de uma frondosa mangueira repleta de frutos, sendo cada um deles ao mesmo tempo o mesmo e outro, estando ao lado dele enxada com a qual Álvaro costumava produzir as covas onde plantava suas sementes.

– Álvaro, querido: você está bem? – perguntou-lhe a esposa, admirada da placidez do marido, aproximando-se mais dele a constatar estarem agora seus olhos, embora abertos, absolutamente incapazes de refletirem a luz do Sol.

Ainda absolutamente crente nos poderes e na justiça de Deus, a esposa de Álvaro recusou-se a crer que o marido estivesse morto, e então repetiu e repetiu e repetiu o nome dele, insistindo a que Deus o fizesse responder como se sentia, tendo-o finalmente abraçando em prantos constatando que a força do deus da Vida eterna tinha inexplicável e prematuramente o abandonado, desanimando para sempre seu amado marido.

Desesperada, constatando que, além de seu querido Álvaro, por causa de suas antipatias pelos

outros e por sua infertilidade, ela não teria mais ninguém com quem compartilhar a vida, um grande vazio se abriria para sempre dentro e ao redor dela, só lhe restando sua fé na presença e na força criativamente dadivosa de Deus em sua vida. Mesmo que, todavia, Ele continuasse a ser aquela eterna presença invisível e impalpável – ao contrário do marido que, quando vivo, sempre lhe dava carinho e proteção em noites tenebrosas; como a partir de agora seriam todas as suas noites por vir.

A menos que...

Munida de toda sua fé em Deus, a esposa de Álvaro ajoelhou-se ao lado de seu corpo a fazer uma oração, pois com certeza Ele recompensaria sua extrema dedicação à crença Nele, aos seus serviços ao Amor.

E então, com Seu eterno poder vivificante, a esposa de Álvaro tivera a certeza profunda em seu coração de que Deus obraria ali um grande milagre; o maior de todos desde que Moisés abriu o Mar Vermelho e Jesus andou sobre as águas, ressuscitou Lázaro e foi ressuscitado. Como Ele fazia diariamente ao produzir o nascer e renascer do Sol todos os dias e ao fazer caírem chuvas que, regando a terra, geravam as sementes e os grãos que, quer espontaneamente ou com o auxílio de Álvaro e de outros agricultores, alimentavam e realimentavam todos os milhões de pessoas que, a despeito das investidas da Morte, continuamente, por séculos e séculos, nasciam e renasciam e renasciam sobre a Terra.

Assim, depois de fazer sua oração, certamente transsubstancializada pela força suprema existente nos recantos mais profundos de seu espírito esperançoso, cujo fundamento energético – não tinha agora nenhuma dúvida – era o próprio Deus e Seu amor, ela se levantou e, pegando a enxada, com todas as forças de que dispunha e, mais, com a força que sua fé nos poderes e no amor de Deus lhe acrescentara, começou a cavar e cavar e cavar a cova onde enterrara o corpo do marido, tendo decidido regá-la por dias e noites até que, enfim – boa semente que é – Álvaro brotasse, outra vez vivo, forte e saudável, das entranhas da terra. ✦

Archidy Picado Filho é artista plástico, músico e escritor. Coordena, atualmente, o setor de Literatura e Memória Cultural da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc). Mora em João Pessoa (PB)



Dicionário bem brasileiro

Existem definições tão brasileiras para alguns termos e expressões da língua portuguesa que bem poderiam compor um dicionário à parte, cujos verbetes ajudariam a revelar a índole chocarreira, transgressora e – por que não dizer? – meio maliciosa do nosso povo. Na maioria das vezes, a autoria individual dessas definições terminou se perdendo ao longo do tempo, devido ao acréscimo de inúmeras contribuições coletivas. E mesmo quando se conhece a autoria de uma ou outra, não se pode esquecer que o autor, em cada caso, agiu fazendo com que seu sangue pulsasse em consonância com o sangue do nosso povo, de maneira a não se poder desvincular a sua criação do contexto mais geral da nossa cultura.

Vejamos, por exemplo, a definição brasileira de “escoteiro”: “um menino que se veste de cretino, chefiado por um cretino que se veste de menino”. Que me perdoem os adeptos do escotismo, mas é uma definição realmente admirável, sobretudo quando a comparamos com a definição lusitana, citada na crônica “Uma vez escoteiro”, de Fernando Sabino. Segundo esta última, “o escotismo vem a ser um bando de miúdos vestidos

de parvos, comandados por um parvo vestido de miúdo”. Das duas, uma: ou a definição portuguesa deu origem à brasileira ou dela se originou, tal a semelhança de conteúdo. Mas não há a menor dúvida da superioridade da nossa, seja porque no substantivo “cretino” há algo mais depreciativo do que a tolice do “parvo”, seja pela rima, que a torna ainda mais ferina e risível, com algo daquela caçoadinha “à moda brasileira, com nossa pequena crueldade tão típica”, para usar as palavras de Gilberto Amado.

Gosto tanto dessa definição brasileira, aliás, que a usei de modo descarado no poema “Os escoteiros”, do meu livro *Ofício de sapateiro*. Eis as duas primeiras estrofes:

Que fazem esses meninos
vestidinhos de cretinos
guiados por um cretino
que se veste de menino?

Boas ações, de civismo?
Dão-nos lições de moral?
Não veem que seus focinhos
só farejam seu quintal?

Outra admirável definição brasileira é aquela que o nosso povo dá para “argentino”: “um italiano que fala espanhol e pen- ▶

▶ sa que é inglês”. Trata-se de uma definição absolutamente precisa, que engloba não só a prepotência dos gestos e o tom de voz imperativo dos nossos queridos vizinhos, como também o seu inconsciente coletivo, aquela autoilusão que não poupou do ridículo nem mesmo os maiores nomes do pensamento e da literatura argentinos, como o grande Jorge Luís Borges – que, de fato, quase sempre se portava como se fosse um verdadeiro inglês, vivendo, a contragosto, longe da sua querida rainha.

Manuel Bandeira, profundo conhecedor da nossa cultura, é responsável por outra definição brasileiríssima, formulada numa crônica de 1929, “Uma conferência sobre arte marajoara”. Trata-se, justamente, da definição de “conferência”, essa atividade tão cara aos acadêmicos do “primeiro mundo” e que acabou virando moda no Brasil, introduzida por alguns maus patriotas que foram estudar no estrangeiro e não encontraram, quando do seu regresso, coisa melhor para fazer. Como é público e notório, brasileiro, de um modo geral, tem horror a conferência. No início do século 20, quando a moda das conferências começou a ser introduzida entre nós, discutia-se calorosamente se o sujeito que ministrava uma conferência seria um “conferencista” ou um “conferente”, até que os gramáticos se decidiram pela primeira opção. Assim, adaptando, aqui, as palavras de Manuel Bandeira, conferencista seria o responsável por uma “preleção pública, realizada em hora incômoda e sobre assunto grave, para algumas centenas de cadeiras vazias”.

Em *Eleição e representação*,



ILUSTRAÇÃO EXCLUSIVA DE MANUEL DANTAS SUASSUNA PARA A COLUNA NOVO ALMANAQUE ARMORIAL

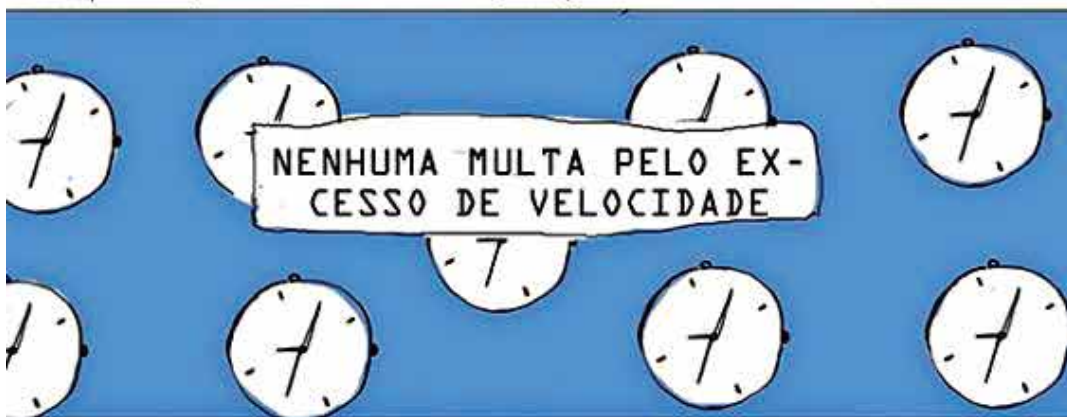
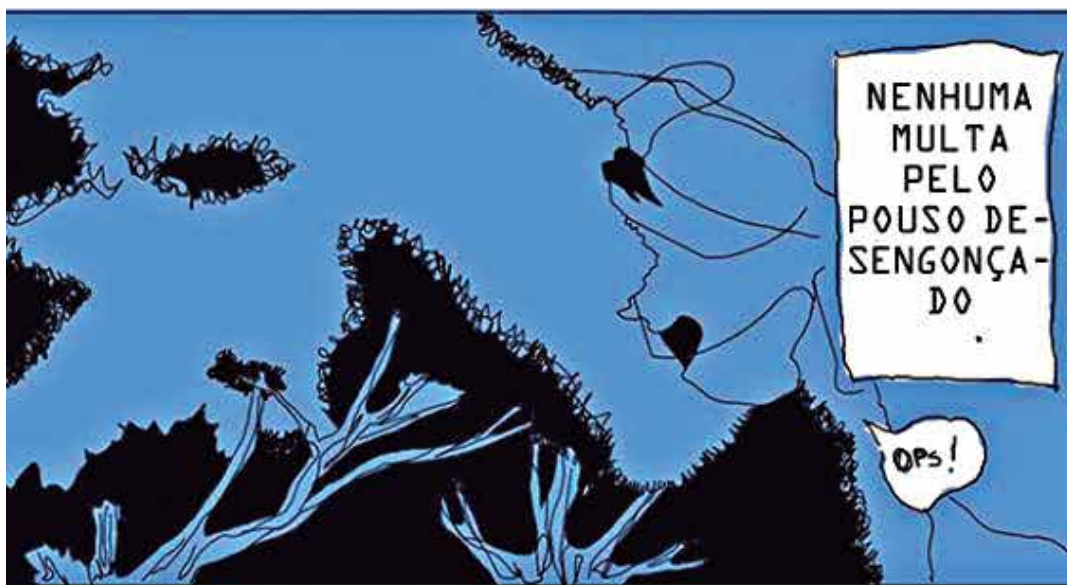
livro publicado no início da década de 1930, o mesmo Gilberto Amado, citado há pouco, define “partido político” como uma “associação de indivíduos para a conquista e fruição do poder”. A definição, como se vê, direta, exata e profundamente reveladora, permanece atual, quase um século depois de formulada, não podendo deixar de figurar, também, em nosso dicionário brasileiro. E assim outras e mais outras.

Qual a definição que o povo brasileiro daria, por exemplo, para o substantivo “político”? No sentido figurado, pelo me-

nos, o *Aurélio* quase acerta: “Indivíduo astuto, esperto”.

Melhor parar por aqui. Que os nossos filólogos deem continuidade a esse dicionário, que poderá se tornar, com o tempo, obra de referência, um verdadeiro compêndio da alma nacional. ✦

Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco. Mora em Recife (PE)





122
anos

2015

uma nova História
para uma nova





A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6526

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518



A UNIÃO Superintendência de Imprensa e Editora

www.paraiba.pb.gov.br |    [uniaogovpb](https://www.facebook.com/uniaogovpb) |  uniaogovpb@gmail.com

www.pb.senac.br



VONTADE DE APRENDER

**BOM NEGÓCIO É
CONTRATAR UM
APRENDIZ
DO SENAC**



ORGANIZAÇÃO

**JOVEM
APRENDIZ**

**ABRA ESPAÇO PARA UM APRENDIZ.
OS CURSOS DO SENAC ESTÃO VOLTADOS
ÀS NECESSIDADES DAS EMPRESAS.**

Senac